



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES  
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES EM REDE NACIONAL -  
PROF-ARTES**

MÁRCIA MARIA BARBOSA DE MENEZES

**TEATRO PLAYBACK: trajetórias da família dos educandos a partir da história oral e memória**

João Pessoa  
2020

MÁRCIA MARIA BARBOSA DE MENEZES

**TEATRO PLAYBACK: trajetórias da família dos educandos, a partir da história oral e memória**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Artes em Rede Nacional – PROFARTES da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestra em Artes.

**Área de Concentração:** Ensino de Artes

**Linha de Pesquisa:** Processos de Ensino, Aprendizagem e Criação em Artes

**Orientador:** Prof. Dr. Fernando A. Abath L. C. Cananéa

João Pessoa  
2020

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

M543t Menezes, Márcia Maria Barbosa de.

TEATRO PLAYBACK: trajetórias da família dos educandos a partir da história oral e memória / Márcia Maria Barbosa de Menezes. - João Pessoa, 2020. 90 f. : il.

Orientação: Fernando Antônio Abath Luna Cardoso Cananéa.  
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCTA.

1. Memória. Educação. Teatro Playback. I. Cananéa, Fernando Antônio Abath Luna Cardoso. II. Título.

UFPB/BC

MÁRCIA MARIA BARBOSA DE MENEZES

**TEATRO PLAYBACK: trajetórias da família dos educandos, a partir da história oral e memória**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Artes em Rede Nacional – PROFARTES da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestra em Artes.

**Área de Concentração:** Ensino de Artes

**Linha de Pesquisa:** Processos de Ensino, Aprendizagem e Criação em Artes

Data da Defesa: 28/07/2020

BANCA EXAMINADORA



---

Prof. Dr. Fernando A. Abath L. C. Cananéa  
Orientador (PROFARTES – CCTA/UFPB)



---

Prof. Dra. Aline Maria Batista Machado  
Membro Externo (PPGE-CE/UFPB)

---

Prof. Dr. Paulo Roberto Vieira de Melo  
Membro Interno (PROFARTES -CCTA/UFPB)

Ao professor Fernando Abath, incansável competência.

Aos meus filhos, presentes e companheiros a cada conquista.

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais e irmãos, meu primeiro público nas experiências infantis com teatro, no pequeno palco da janela do quarto para o jardim de nossa casa.

Ao professor Marco Antônio Camarote (em memória), por me acolher no Grupo de Teatro da Universidade Federal Rural de Pernambuco, onde dei meus primeiros passos convivendo com o teatro e seu papel político social nas comunidades onde estagiei.

A cada aluno da escola pública municipal Padre Godofredo Joosten, que na sua pureza, permitiu experimentar a ludicidade de leituras com fantasias, palco e microfone.

A cada história contada pelos alunos, a observar seus olhos cheios d'água ou a gargalharmos juntos. Alimento que me fez sonhar e chegar até aqui.

Aos sonhadores e inquietos meninas e meninos do bairro da Ramadinha, em Campina Grande, juntos experimentamos diferentes formas no aprender e no ensinar.

Aos meus companheiros de trabalho, como chamo meus educandos, construímos um ateliê em cada escola mencionada, nosso espaço museu, nossa rotatividade de mesas e cadeiras, a roda viva para não cansar do pequeno espaço, de onde brotaram bons trabalhos. Meus colegas, parceiros nas ideias e no fazer artístico didático.

À amiga irmã e professora Geovanna Aquino, em sua incansável articulação nas pesquisas sobre educação patrimonial, me incumbindo de atribuições no trato com a arte e sua influência aplicada ao estudo do patrimônio cultural e da memória.

À Coordenação do Curso de Especialização em Educação Ético Racial, da UFCG, ao contemplar aulas de campo, em diversos estados do Nordeste.

Às comunidades, quilombolas, indígenas, religiosas, informações éticas culturais que muito contribuíram para minha área de pesquisa sobre memória e patrimônio.

A cada aluno que, posteriormente, voltou à escola e confidenciou, da contribuição na sua formação e visão sociopolítica adquirida. Da experiência em ministrar aulas a gerações de mãe e filha. Dos abraços e sorrisos a cada experiência realizada, por vê-los sentirem-se capazes em ousar no fazer, pensar e criar.

À amiga e Professora Sonia Pinto, incansável em auxiliar com palavras de incentivo e cooperação em ações do fazer artístico.

À amiga e professora Júlia Bento, com quem discuto questões a serem aplicadas em aulas de Arte.

À amiga e professora de História Socorro Duarte, juntas alimentamos ideias que se tornam realidade, em sala de aula.

A satisfação em constatar, a cada ano letivo, novos experimentos exitosos; jovens gostam de desafios.

## RESUMO

Realizamos experimentações do Teatro Playback em uma escola do ensino fundamental - Dr. Elpideo de Almeida, no município de Campina Grande, Paraíba, com educandos do oitavo ano do ensino fundamental, com idades de treze aos dezesseis anos e com familiares (pais e/ou responsáveis), voltados a vivenciar experiências que contribuiriam para compreender e valorizar as memórias, através da oralidade. O fato de direcionarmos os conteúdos das quatro linguagens da arte, trabalhados por bimestre, reservando o quarto bimestre ao teatro, visa dar ênfase a forma de fazer ver sua multipluralidade na convergência com as demais linguagens artísticas (visuais, música e dança). Nossa pesquisa realizou uma abordagem qualitativa com a metodologia do Teatro Playback e do compartilhamento dos saberes apresentados pelos educandos e por seus familiares, visto que ambos estimulam e contribuem com a visibilidade da liberdade da ação reflexiva. Sob a maestria da História Oral, o Teatro Playback contribui enquanto metodologia à relevância dada às memórias, estimuladas e resgatadas por meio de conversas entre educandos, mães e avós, como sujeitos guardiães. A realização de várias oficinas com narradores adultos (familiares) e/ou os próprios educandos, forneceram resultados que foram apresentados sob forma de um novo olhar, o olhar do outro que interpretou suas histórias. Na prática, os fundamentos do Teatro Playback compartilharam resultados com o fazer para aprender e aprender fazendo teatro. Os sujeitos narradores pertencem a grupos das famílias dos educandos da turma onde a pesquisa ocorreu. Pesquisamos para compreendermos, na experiência, a demonstração de novas posturas interpretativas, percebidas por meio de expressões e verbalizações por parte dos envolvidos, narradores e educandos atores e atrizes, assim como, o despertar da importância das histórias de família, como elementos necessários na construção de suas trajetórias, memórias e identidade cultural.

**Palavras-chave:** Memória. Educação. Teatro Playback.

## RESUMEN

En esta investigación, llevamos a cabo experimentos en el Teatro Playback, en una escuela primaria: el Dr. Elpidio de Almeida, en el municipio de Campina Grande, Paraíba, con estudiantes del octavo grado de la escuela primaria, con edades comprendidas entre los trece y los dieciséis años. Como miembros de la familia (padres y / o tutores) destinados a experimentar experiencias que contribuyeron a comprender y valorar los recuerdos, a través de la oralidad. El hecho de que dirigimos los contenidos de los cuatro lenguajes del arte, trabajados por dos meses, reservando el cuarto bimestre al teatro, tiene como objetivo enfatizar la forma de mostrar su multiplicidad en la convergencia con otros lenguajes artísticos (visuales, música y danza). Esta investigación adopta un enfoque cualitativo con la metodología Playback Teatro y el intercambio de conocimientos presentados por los estudiantes y sus familias, ya que estimulan y contribuyen a la visibilidad de la libertad de acción reflexiva. Bajo el dominio de la Historia Oral, el Playback Teatro contribuirá como metodología a la relevancia otorgada a los recuerdos, estimulados y rescatados a través de conversaciones entre estudiantes, madres y abuelos, como sujetos guardianes. La realización de varios talleres con narradores adultos (miembros de la familia) y / o los propios estudiantes, proporcionó resultados que se presentaron en forma de una nueva apariencia, la apariencia del otro que interpretó sus historias. En la práctica, los fundamentos de Teatro Playback compartieron resultados con hacer para aprender y aprender haciendo teatro. Los temas narrativos pertenecen a grupos de familias de estudiantes en la clase donde se realizó la investigación. Buscamos comprender, en la experiencia, la demostración de nuevas posturas interpretativas, percibidas a través de expresiones y verbalizaciones por parte de los involucrados, narradores y estudiantes, actores y actrices, así como, el despertar de la importancia de las historias familiares, como elementos necesarios en la construcción. Sus trayectorias, recuerdos e identidad cultural.

**Palabras clave:** Memoria. Educación. Teatro Playback.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Narrativas de mães na oficina do teatro playback em sala de aula.....	26
<b>Figura 2</b> – Educandas participantes da pesquisa.....	28
<b>Figura 3</b> - Oficina de teatro playback em movimento.....	34
<b>Figura 4</b> – Posicionamento dos elementos e atores no palco do teatro playback.....	54
<b>Figura 5</b> – Mães de educando do ensino fundamental inicial, convidadas a participar das narrativas nas oficinas de teatro playback.....	55
<b>Figura 6</b> – Educandas protagonizando uma brincadeira infantil narrada por uma mãe convidada, de cócoras, representando crianças.....	56
<b>Figura 7</b> - Educandas encenando brincadeira de esconde esconde, no cenário construído por professora voluntária e educandos do grupo focal.....	57
<b>Figura 8</b> - Mãe de educando narrando uma história de assombro conhecida desde sua adolescência.....	59
<b>Figura 9</b> - Educanda caracterizada para atuar em uma oficina de teatro playback.....	59
<b>Figura 10</b> - Mãe na companhia dos filhos, após sua participação na oficina como narradora.....	72
<b>Figura 11</b> - Oficinas de playback realizadas por grupo de educandos.....	74
<b>Figura 12</b> - Oficinas de playback realizadas por grupo de educandos, tendo como platéia educandos e mães.....	75
<b>Figura 13</b> - A - Visão externa da Escola CEAI Dr.Elpideo de Almeida; B – Sala de aula onde fizemos as experiências playback; C - Gestor exaltando o teatro playback como ferramenta na educação; D –Única ocasião com participante músico em uma oficina do teatro playback; E – Público da comunidade escolar; F – Professora pesquisadora com educandos do grupo focal após apresentação à comunidade escolar.....	76

## SUMÁRIO

<b>1 DIÁLOGOS INICIAIS: o caminho da escolha.....</b>	<b>12</b>
1.1 A construção telúrica de uma menina transformando-a em professora.....	12
<b>2 DA NARRATIVA À EXPERIMENTAÇÃO CÊNICA.....</b>	<b>22</b>
2.1 O surgimento do Teatro Playback.....	23
2.2 Práticas e princípios do Teatro Playback.....	25
2.3 O processo de apresentação das histórias.....	29
2.3.1 Esculturas fluídas.....	31
2.3.2 Entrevistas e histórias da platéia.....	32
2.3.3 O palco é lugar de fazer história.....	35
<b>3 DA ORALIDADE À METODOLOGIA: caminhar é preciso.....</b>	<b>37</b>
3.1 Fatos narrados: o desafio é torná-los cênicos.....	37
3.2 História Oral e Memória como instrumentos do conhecimento.....	42
3.3 O desafio é incorporar o adulto na brincadeira do “vamos ver”!.....	45
3.4 A importância do Teatro na sala de aula.....	46
<b>4 ABRAM-SE AS CORTINAS, O ESPETÁCULO VAI COMEÇAR: conversas sobre as ações realizadas e as memórias pensadas.....</b>	<b>53</b>
4.1 O Teatro abriu as cortinas da minha história.....	53
4.2 Playback na sala de aula: a visão do eu e do outro em cena.....	60
4.3 O Teatro Playback nas vivências em grupo: narrativas a partir da experiência vivida durante a pesquisa.....	61
4.4 O Teatro Playback aguçou o desejo por memórias da família.....	68
4.5 História e memória de mãos dadas: a apresentação do Teatro Playback para mulheres de terceira e quarta gerações dos educandos.....	70
<b>5 NO ESPETÁCULO DA VIDA, GERAÇÕES DE EDUCANDOS ATORES: considerações não tão finais.....</b>	<b>82</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>86</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>89</b>

## 1 DIÁLOGOS INICIAIS: o caminho da escolha

### 1.1 A construção telúrica de uma menina transformando-a em professora

De onde vem o nosso desejo de ouvir histórias? Perguntemos a nós mesmos. A minha constatação vem das minhas primeiras lembranças. Costumava perguntar ao meu travesseiro, quem sou eu? De onde vim? Meus avós, de onde vieram? E seus avós... Da minha bisavó materna no leito de morte a dizer: "Quem de sessenta passou de oitenta não passa". A frase com ar enigmático, me inquietava. Havia um círculo de perguntas, importantes para mim. À noite, elas me inquietavam.

Fui crescendo, participando das visitas nas noites de domingo à casa de meu avô materno. Fazia-se uma roda de cadeiras de palhinha na calçada, os adultos a conversar, risos comedidos, meu avô austero, sempre vestido de camisa azul claro, de mangas longas, colarinho fechado. Quando falava, todos paravam para ouvi-lo. Mesmo quando se dirigia a nós, crianças, seu sorriso era sóbrio; bons tempos. Morávamos em uma casa na mesma rua, mesmo assim, nas noites de domingo, ir aquele evento era notável.

Com o progresso financeiro de minha família, meu pai comprou uma casa maior, com duas salas, três quartos, banheiro, cozinha, um excelente espaço para jardim na frente das janelas de nossos quartos. Minha mãe providenciou o plantio de avencas, hortênsias, rosas amarelas e vermelhas. Este foi o meu primeiro teatro, ao ar livre, para meus pais e irmãos. Nossa nova e linda casa fazia parte de um bairro de casas construídas num estilo moderno e contemporâneo para aquela cidade do interior de Pernambuco. A rua não era calçada e a areia constituía-se em espaço para brincar de roda, de pega soltou, fazer castelos de areia com jardins enfeitados com uma florzinha chamada pingó de ouro. Naquela rua minha mãe ensinou-me a pedalar de bicicleta.

Com o tempo, meu pai também comprou os dois lotes que ficavam atrás da nossa casa, de forma que ficamos com um quintal enorme. Meus pais plantaram árvores frutíferas, abacate, carambola, goiaba, caju, seriguela, azeitona e bananeiras.

Lá, fazíamos nossas travessuras. Meus irmãos construía casinhas, cada um de nós possuía uma delas, tínhamos coelhos, um cachorro chamado *Shazan*, vestígio da televisão recém-chegada em nossa casa, aliás, quando ligada, costumávamos ter à janela um público externo para assistir aos programas, ainda em preto e branco.

À medida que as casas eram ocupadas, iam aparecendo os vizinhos, e entre eles estava um senhor, possivelmente, já com mais de oitenta anos. Chamávamos de “Seu Ioiô,” nunca soubemos seu nome verdadeiro, era baixinho, falava manso e devagar. À tardinha, eu e meus irmãos e colegas íamos implicar, falar com ele, insistir para contar histórias, que eram maravilhosas. Ficávamos paralisados. Lembrar dá saudades e vontade de chorar, desse exímio contador de histórias e marceneiro. Seu passatempo era fazer miniaturas de móveis, móveis de boneca, todos aqueles móveis que, costumeiramente, as meninas faziam de caixinha de fósforos ou medicamento. Móveis que toda menina, que brincava de boneca, sonhava em ter. Lembro-me dos vidrinhos de mercúrio cromo como copos ou xícaras de café, que bebíamos pelas bonecas. Emociona vivenciar este tempo, há muito guardado em minhas lembranças de menina.

Essa rua também foi cenário para tanques do exército passearem durante os primeiros anos da década de sessenta, prenúncio dos anos de regime militar que se instalava no país. Lembro-me bem daquela manhã. Acompanhava minha mãe, ouvimos um barulho ensurdecedor, a rua de areia tremia, lembro-me bem, tive medo de olhar para trás, aquele monstro barulhento aproximava-se de nós. Até que, finalmente, nos alcançou, inevitável não lhe notar. Fitei-o enorme, não corria, seguia lento ameaçador, penso que conseguiu obter seu objetivo, assustar as pessoas simples e pacatas daquele lugar tranquilo, sem violência urbana ou doméstica que tivéssemos conhecimento. Segurei firme a mão de minha mãe e lhe perguntei: Mãe, por que eles estão aqui? E ela me respondeu. Estão fazendo treinamento de guerra [...] Apertei-lhe mais firme a mão, olhei para cima, vi um soldado a contemplar a paisagem bucólica de minha cidade e seguir em frente, com seu peso e barulho, levando as pessoas às portas e janelas e cortando a rua de terra em sulcos certinhos.

Minha liderança, sobre meus irmãos e colegas de brincadeira era exercida em benefício da modalidade que apreciava, gostava de brincar de ser professora. Lembro, certa vez, que comprei cadernos com doze páginas cada. Elaborei exercício nos moldes do que faziam as professoras alfabetizadoras, cópia de letras e números. Todos gostávamos, não esquecíamos de repetir as ações de rebeldia em sala de aula real.

Meu pai era funcionário da CHESF (Companhia Hidroelétrica do São Francisco), costumava viajar a trabalho. Nas datas previstas de seu retorno, minha mãe cuidava de confeccionar-lhe uma camisa, uma cueca, uma vestimenta nova. Ao retornar, enquanto tomava banho, ela estendia a roupa sobre a cama do casal. Numa dessas ocasiões, previamente, também decidi fazer algo para ele.

Recortei em papelão de caixa de sapatos, bonecos com um furinho na parte superior de suas cabeças, de onde saiam cordões que os sustentariam na ocasião ao ser manuseados. À noite, participei a todos que ao final do jantar todos deveriam seguir com suas cadeiras para o jardim, em frente a janela do quarto de nossos pais. Ali estava, inocentemente, sugerindo o que no futuro haveria de ser minha estréia no mundo cênico. Pedi que um dos meus irmãos desligasse a lâmpada do terraço, não queríamos interferência de outro foco de luz para nosso espetáculo. E sob a luz de vela, estreamos uma peça com aqueles bonecos sem rosto, sem vestes, assexuados. Não lembro das falas, mas não esqueci aquela memorável ocasião.

O ginasial não me deixou recordações memoráveis, seguido do curso pedagógico, no Colégio da Sagrada Família, em Goiana, Pernambuco. Fui educanda da última turma, período de turbulência doméstica. Comprometeu meu emocional, tornei-me meio rebelde, mas tive acolhimento das irmãs do colégio, em especial da irmã Gorete.

A Universidade chegou como um mundo cheio de surpresas, lembro-me do primeiro dia na Universidade Federal Rural de Pernambuco, no prédio central, ao lado da grande escada inclinada, um grande mapa do Brasil, e uma frase escrita, Seja Bem-Vindo! Me aproximei, observei que a cidade de onde vim não estava ali presente.

Pensei, por ser pequena. Mas corri o olhar em toda a extensão territorial e cheguei ao Rio Grande do Sul. Novamente, os pensamentos que vieram naquele momento se tornaram realidade. Seria a primeira das tantas viagens que fiz para conhecer o Brasil.

A Universidade abriu-me o portal do conhecimento, de forma que a cada estágio que me envolvi amadurecia o entendimento da máxima ensino, aprendizado e extensão referindo-se a participação na universidade em promover qualidade de vida, em reconhecer-se, em buscar formas de, através do diálogo, estimular a consciência de nossos direitos, direito à educação, moradia, saúde. Cada um desses pontos estiveram me acompanhando nas diferentes comunidades por onde estagiei. Hoje, como dizia meu pai, dobrei o cabo da Boa Esperança, e aqueles aprendizados me acompanharam.

Nas tantas comunidades que me acolheram, quantas lembranças coloridas, como os legumes que plantava na comunidade do Esquerdo de Gravatá; do cheiro das passas de caju da Comunidade de posseiros do INCRA, em Surubim/PE, da cocada de coco da comunidade de pescadores da praia de Pau Amarelo, Paulista/PE; do maracatu da comunidade carnavalesca Amante das Flores, em Casa Amarela, no Recife/PE; da alegria em compartilhar a gravidez do meu primeiro filho, visitando cada uma das famílias que ocupavam a área do

*campus* da UFRPE; lembrança do grito na língua tucano, Qiapira<sup>1</sup>, e todos corriam para comer juntos a caça ou pesca feita pelos jovens tucanos, uma Cutia, um Tamanduá bandeira, Jacaré, Caititu, caçados apenas para a alimentação, o equilíbrio estava em cada uma das suas ações, saudades.

Lembrança da dona Clarice, uma nativa que residia em uma das pequenas ilhotas do rio Negro. Era tardinha, de longe a vi sentada sobre uma grande rocha, pernas estendidas a olhar contemplativa a água que corria, aproximei-me e perguntei-lhe: gosta de ver o pôr do sol? Ela sorriu e respondeu: Estou esperando meu noivo, O boto, seu príncipe encantado. A sala de aula tornou-se o caminho que passei a construir, à medida que entrava no espetáculo da vida, compartilhando experiências junto a crianças e jovens, que precisam ser estimulados a perceber a importância das histórias construídas ao longo da vida, por isso: Vamos ver!

As primeiras experiências em sala de aula ocorreram de forma amadora, bem antes de me tornar universitária, quando estudante secundarista do curso pedagógico no Colégio Sagrada Família, em Goiana. Experiências com o MOBREAL, Movimento Brasileiro de Alfabetização. Eram homens e mulheres tímidos e atentos diante de uma jovem professora, quanto respeito de ambas as partes! Lembro da alegria em seus olhos a cada letra construída, reconhecida, do sorriso a cada palavra reconhecida.

Ao me formar, fui presenteada com um contrato para ensinar na escola onde havia estudado, passaria a ser colega das professoras que haviam me ensinado. Fui recebida com alegria, meus primeiros educandos, uma turminha de pequeninos cidadãos condadenses, a serem alfabetizados. Ali, meninos e meninas cativados pelo desenho colorido no quadro e pela música, formas de conquistá-los, ao final daquele ano de 1976, finalizei com uma turminha alfabetizada.

Ser professora me proporcionou um outro olhar sobre as novas colegas professoras, havia uma delas que, na ocasião, estudava na Universidade Católica em Recife, estava sempre falando de forma mais ativa sobre o mundo acadêmico, aliás, para mim algo estranho. Ficava, então, ouvindo atentamente suas colocações. Em certa ocasião, alguém mencionou sobre um concurso público que o Estado de Pernambuco estava oferecendo, significava alçar voos.

Estar na capital abriria possibilidades para prosseguir meus estudos. Anteriormente, havia me submetido ao vestibular, mas minha base de conhecimentos não garantiu aprovação,

---

<sup>1</sup> Qiapira: palavra de origem da língua tucana, língua franca da região amazônica, uma das três línguas oficiais do município de São Gabriel da Cachoeira. A pesquisadora não encontrou significado, atribui seu uso ao ato de chamamento para a alimentação em comunidade.

uma segunda submissão sugeria frequentar um curso preparatório, resultando então na aprovação do curso que havia selecionado como terceira opção.

Tratava-se de um curso cuja demanda e o próprio nome sentia por ele repulsa, Licenciatura Plena em Economica Doméstica, oferecido pela Universidade Federal Rural de Pernambuco.

A Universidade foi um caminho para as descobertas culturais e artísticas, das tantas e diferentes comunidades por onde estive em estágios e operações nacionais do Projeto Rondon, até como voluntária que propiciaram visibilidade a tantos brasileiros, suas histórias, seus costumes e memórias.

No entanto, por quase vinte anos, trabalhei em uma secretaria de estado, cujos objetivos era a investigação. A polícia judiciária mostrou-me outra face da sociedade, embora tenha atuado em funções administrativas de âmbito interno, olhos e ouvidos testemunharam outra face da humanidade que até então não conhecia. Em todos os lugares existem os paradoxos.

Decidi e concretizei a demissão voluntária. Nessa ocasião, havia construído uma relação matrimonial catastrófica. Este é um capítulo que prefiro não mencionar, certamente, no futuro poderá resultar em um relato de experiência.

Resolvi, diante do exposto, abandonar a casa e começar vida nova em outra cidade, em outro estado. Fiz uma pesquisa sobre cidades de interior, entre elas estava Campina Grande. A cidade mostrava-se próspera, com boas universidades, uma rede escolar qualificada, baixo nível de violência, lá me fui, vendi de carro a sapato.

Enquanto vendia roupas e perfumes, entregava currículos pelas escolas. Eventualmente, conheci uma senhora, também professora e proprietária de uma pequena escola das primeiras séries. Ali começou uma nova saga, a velha fórmula do boca a boca. Nessa nova jornada passo a afirmar, vim para ser feliz como pessoa e como profissional, foram muitas horas de estrada em viagens a outros municípios paraibanos que lecionei: Queimadas, Gado Bravo e mais quatro escolas em Campina Grande, atuando como professora em instituição de ensino particular.

Como uma fênix, alcei voos inimagináveis. A prova disso é, nesse momento, estar proporcionando esta leitura verdadeira, de lutas e superações de uma mulher com seus três filhos pequenos, hoje avó, com filhos adultos e desenvolvendo um trabalho na área da educação, trilhado a partir das tantas experiências que a vida me proporcionou.

Não poderia ser, a partir dessa trajetória, uma simples professora, das que não tem acesso a crianças desprovidas de amor, de alimento de escuta, pontos que fazem toda

diferença no crescimento do ser humano, a sensibilidade em perceber o olhar de quem tem medo, fome, de vida livre, para construir e errar sem medo e recomeçar por ter alguém para lhe orientar.

Voltava para sala de aula com uma vasta experiência de vida, a própria vida encarregou-se de me capacitar, fazer do inatingível instrumento de aprendizado, não seria aquela professorinha da alfabetização, responsável, mas envolvida em sonhos, os sonhos de quem está no começo da jornada chamada vida.

Estava, a partir de então, preparada para alçar outros voos. Segui fazendo concursos para ocupar o cargo de professora de arte em diversos municípios, afinal havia me preparado durante minha permanência na universidade, estimulada por sua política de ensino, pesquisa e extensão; até lá transitei por algumas escolas particulares em Campina Grande. Ser professor de escola particular não confere ao professor segurança de continuar trabalhando no ano seguinte, como já havia sido ser sacoleira, faxineira, cuidadora de crianças. tomei a iniciativa e fui me apresentar como professora de arte à gestora do famoso PREMEM-Escola Estadual Hortênsio de Sousa Ribeiro.

Enquanto expressava à diretora sobre minha formação, ela meneava a cabeça, sorrindo a cada afirmação minha, perguntei se precisavam de professor de arte, ela sorriu e disse que sim. O PREMEM era a glória, quantas vezes passei por ele, namorando-o, e finalmente ele abriu os braços à minha chegada. Lá inovamos no ensino da arte, fizemos parceria com músicos, bailarinos, grafiteiros, com a Universidade Federal de Campina Grande, participamos de um festival de estudante no Teatro Severino Cabral de Campina Grande, com premiação de educandos.

O PREMEM abriu-me aos espaços educativos da escola pública na cidade, inovar o ensino com novas modalidades de ações a alcançar sucesso na aplicação dos conteúdos, os educandos estavam apreendendo uma modalidade onde eles passavam a exercer autonomia no fazer artístico.

As linguagens da arte nos anos finais do ensino fundamental foram apresentadas de forma que alcançassem o desejo de criar, divididas em quatro blocos, um para cada uma das expressões da arte. O primeiro para as artes visuais seguido da música, a dança e por último o teatro, confraternizando-se com as modalidades iniciais, uma forma de levar o educando a perceber a presença e importância das demais linguagens artísticas, presentes ao ato de fazer teatro.

A abordagem sobre teatro passa por requisitos aliados a dinâmica pedagógica da escola, a exemplo o tema integrador e subtemas, buscando interagir com demandas da educação, no contexto do coletivo no ensino-aprendizagem.

O caminho percorrido à concretização das ações didáticas é o termômetro responsável que levou os educandos a modalidade do fazer teatro. O incentivo à pesquisa de textos cênicos, ambientes de conversar, a troca de ideias, sugestões sobre autores nacionais como Silvia Orthof, Pedro Bandeira, Ana Maria Machado, Lourdes Ramalho, são alguns exemplos.

O processo didático, na sua extensão, comunga com a linha da abordagem triangular, (BARBOSA,1978), nosso suporte teórico, ao aplicá-la na dinâmica e nos diferentes percursos na concepção dos conteúdos das diferentes expressões da arte. O caminho percorrido com diferente linguagem do teatro me forneceu a indicação, de ter chegado a hora de experimentar uma outra forma de teatro na sua dimensão performática e comunitária, um fazer cênico por meio da modalidade do teatro de playback. Soares e Cintra (2006), apud SIEWRT, Steil Clarice, ressaltam a importância ao incentivo à participação, criatividade e criação de novos olhares e ações que a metodologia do Teatro de Playback opera em parceria com a Proposta Triangular de Barbosa (1987).

Aplicadas na construção do mundo de quem se faz presente, a partir das memórias, ao estimular o reconhecimento e importância de sua história, levá-los a perceber o outro também como sujeito, além de ator. Mostrar retalhos de histórias a serem costurados com o teatro como ferramenta da educação teatral.

A educação teatral na escola, através do Teatro Playback em suas diferentes vertentes, ingressa na história dos educandos, nas suas memórias, a partir das lembranças, contos e casos vivenciados por eles, por parentes, pais, avós. Enquanto cenário de experiências, a escola constitui-se em espaço aberto a oficinas do Teatro Playback. Buscamos estimular a contação de histórias, fatos vivenciados por membros das famílias, e despertar para a noção de pertencimento dos fatos narrados, gravados e encenados.

Histórias de família expostas a olhos alheios, na perspectiva de valorizar a memória do indivíduo do grupo familiar, atraindo nova significação, ao oferecer suas histórias ao Teatro Playback, compartilhar com colegas de turma, permitir acesso ao conjunto das tradições, antes submersas nas lembranças dos mais velhos. O teatral, desta forma, aproximando gerações entre famílias monoparental, como aos chamados arranjos familiares.

Mães e avós narradoras, o educando enquanto filho e/ou neto, responsável por estimular rodas de conversa em família, descrever histórias que serão contadas no momento

playback, para, em seguida, serem reconstruídas em oficinas como instrumentos para significar memórias.

Os elementos que norteiam a abordagem triangular são compatíveis a modalidade playback, podem elevar a compreensão do sujeito ao *status* de crítico, criativo a uma nova visão de mundo. Nas diferentes etapas do processo do Teatro de Playback, o aluno posiciona-se enquanto contador de história, contextualizando o fato, personificando quando encenando, por último apreciando, enquanto público.

As experiências serão vivenciadas em sala de aula, através das oficinas de Teatro Playback, por ocasião da mostra pedagógica da escola, aberta a convidados. Em outro momento, oficinas dos relatos de alunos no ensino fundamental e das histórias apresentadas por mães e avós, também convidadas a participar da experiência.

Em 2012, lecionando artes no município de Gado Bravo/Paraíba, ministrei um conteúdo de artes visuais, fazendo um paralelo entre a linha do tempo da história da arte visual da Paraíba, a linha de tempo, à história de familiares dos educandos do nono ano, envolvendo conteúdos de arte à educação patrimonial. A experiência foi de sensível e significativa importância à minha formação de professora de artes.

O trabalho foi executado a partir das histórias contadas por mães e avós, relativas as três últimas gerações da família, transcritas pelo educando, relatadas em aula, fazendo relação dos fatos com o momento de produção da arte visual da Paraíba. Fomos contemplados com relatos de avós e bisavós, com idade até os centos e cinco anos. Havia emoção nos relatos dessas passagens de vida, algumas sem final feliz.

Os resultados obtidos me motivaram a realizar ações semelhantes em uma turma do 7º ano, no ano de 2013, na escola municipal CEAI - Elpídio de Almeida, em Campina Grande. Desta feita, os resultados obtidos ocorreram de maneira tímida, expressões que denotavam distanciamento, desconhecimento ou um vazio sobre a importância de suas memórias. Deslocamos nossa atenção à escuta de um educando, quando este bradou não poder realizar a atividade, por não saber quem seria seu pai, que sua genitora lhe nega o conhecimento.

A angústia demonstrada pelo educando nos inquietou, ao ponto de procurar descobrir como poderia auxiliar os próximos educandos a vivenciarem a beleza em conhecer as histórias de suas raízes. A preocupação se configurou ao voltar o olhar à história de ocupação do bairro, onde a escola está inserida. Muitas dessas famílias procedem de diversas regiões do estado. O que nos levou a outra inquietação, com referência aos critérios utilizados para a ocupação dos conjuntos habitacionais, cuja seleção ignora a promoção de eventos sociais, com o objetivo de aproximar futuros moradores. A ocupação ocorre com o cumprimento de

certas exigências, de forma que estes arranjos contribuem para a estagnação da memória afetiva familiar.

Famílias que migram do interior para as cidades buscam oferta de mais recursos, na expectativa de qualidade de vida. No entanto, estes ambientes mostram-se inadequados a conservação dos hábitos que famílias, procedentes de outras diferentes regiões, que ainda mantêm como o de contar suas histórias, preservando assim, suas memórias. Provavelmente, nossos educandos sejam oriundos de grupos sociais desta vertente. Assim como, dos novos arranjos familiares.

Seja qual for a procedência do protagonismo familiar, a preservação de suas memórias parte de eventos vividos pelo grupo, manifestados pela oralidade. Mudança de ambiente e inclusão de novos sujeitos às famílias pode causar estranhamento as suas memórias. Entendendo que novos modelos de família demandam de gerações na linha do tempo destes grupos, constitui-se de múltiplas realidades, entendemos que este modelo não impede que estes sujeitos possam reconhecer e/ou aceitar suas memórias.

Como o corpo discente da escola é oriundo desta população, educandos do oitavo ano do ensino fundamental foram orientados à estimular memórias de família, junto a mães e/ou avós, que foram incluídas a experiência, com o objetivo de despertar para a importância e reconhecimento das histórias de família, através de oficinas do Teatro Playback, concedendo ao narrador *status* na seleção dos educandos atores que encenam suas histórias, vivenciando o fato sob outro foco, de observador.

O teatro tem competência de ensinar brincando. As expressões, era uma vez..., vamos fazer de conta..., vamos ver..., constituem-se em mecanismos que exercitam o imaginário do educando nos momentos que antecedem a construção das cenas.

Procurei conciliar as propostas de teatro abordadas na Base Nacional Comum Curricular à base local, com o auxílio do livro didático, atualmente voltado às modalidades contemporâneas, com ênfase ao contexto social. Costumo, a partir das leituras, criar circunstâncias possíveis, reinventei, acrescentei demandas no contexto do educando, propus a busca do conhecido da sua história, como ponto de partida na composição dos exercícios de teatro.

Mantive-me atenta quanto à observação ao livro didático, este vem se atendo em apresentar o teatro na sua diversidade de modalidades, com ênfase ao contemporâneo como instrumento que propõe o pensar em si e no outro em seu espaço. Dessa forma, a cada ano letivo, o educando é levado a conhecer diferentes modalidades de teatro por meio do livro didático através da interpretação e das práticas.

Voltei meu olhar às práticas do eu e do outro, o falar de si, ouvir o outro, utilizar histórias simples, estimular o compartilhar de fatos do cotidiano, promover, a partir daí, percepção e importância ao fato narrado.

Atribuindo importância às narrações, os primeiros contatos incitaram expectativa, espera e inquietação, acopladas as narrativas seguidas de gargalhadas e/ou lembranças tristes.

As narrativas constituíram-se no caminho para as lembranças de fatos vividos, em participação ativa e portadora do novo compartilhar de fatos vivenciados, além da liberdade de introduzir objetos do cotidiano doméstico nas cenas improvisadas em sala de aula, a partir do faz de conta. A experimentação cênica se inicia.

## 2 DA NARRATIVA À EXPERIMENTAÇÃO CÊNICA

Nossa trajetória de pesquisa buscou valorizar as histórias de família, as lembranças arquivadas na memória de nossos educandos e de suas mães e avós, por meio de rodas de conversas no seio das famílias. A escola, como ambiente plural e heterogêneo nos aspectos social, econômico, emocional e cultural, constitui-se em ambiente perfeito para vivenciar experiências que possam vir a contribuir na compreensão e valor dessas memórias, a eventos ocorridos em diferentes gerações.

A experiência foi focada no que Morin (2019) classificou como sete saberes, aplicados a partir das narrativas. O primeiro dos saberes (O erro e a ilusão), o erro como instrumento de aprendizagem, a exemplo, fatos ocorridos narrados pelo educando que os considera inoportunos ao projetá-los em cena do Teatro Playback, ter oportunidade em alterar conceitos.

O segundo saber refere-se ao conhecimento próprio, a busca de relatos que possam vir a contribuir a dissipar fragmentos de versões de histórias ocorridas.

O terceiro saber refere-se a transmissão multidimensional, que, como tal, privilegia a compreensão que faz parte da natureza humana. O educando como sujeito detentor de fragmentos de fato ocorrido, algo que lhe provoca inquietação, permanece retido na memória, retalhos, substâncias que geram o quarto saber. Morin (2019) entende ser este saber, o lugar onde se habita, seus aspectos múltiplos, no sentido da sobrevivência, aspectos sociais, econômicos estes com inclinação a provocar interferência na gestão educativa.

O quinto saber reforça a urgência do sujeito social adquirir notoriedade de sua existência e importância. Entendo que, a partir da existência de uma apatia na trajetória do educando, diante do cenário social das diferenças, torna-se um desafio a experiência desenvolvida, aliada a proposta de uma educação voltada a ensinar a compreensão e reconhecimento do significado contidos na memória. Para Morin (2019), fator imprescindível na interação humana, definido como o sexto saber.

Todos estes saberes compõem aspectos do cotidiano, conclui então como o sétimo saber a ética, com seu conjunto de valores normativos ao grupo social. O último século mostrou que disciplinas isoladas não fomentam a unidade humana, somos um complexo no campo afetivo. Aplicamos a experiência da modalidade do Teatro Playback, como ferramenta

e como forma de compreender e valorizar histórias contadas por mães e/ou avós, tendo em vista o caráter comunitário que a modalidade playback possui.

## **2.1 O surgimento do Teatro Playback**

Nos últimos anos na minha atuação na escola em que leciono, multiplicaram-se as ações voltadas a atender questões referentes ao fazer cênico. Nesse sentido, passei a introduzir questões dessa ordem, ao conteúdo da disciplina de arte, utilizando o suporte teórico (GRUNBERG, 2007), com imagens de árvore genealógica, exposição de objetos de família, presença de mães convidadas a assistir eventos onde os educandos fizeram relatos comuns a seu grupo de família. Atividades que se somaram ao desenvolvimento de nossa investigação – “O Teatro Playback, por meio da história oral e memória, pode contribuir para a valorização das histórias de família dos educandos, ressignificando-as? Oriunda da pesquisa de mestrado, cujo problema de investigação, se constituiu em um crescente operacional de conteúdos sobre histórias de família na disciplina de Arte. Houve um aprofundamento, por meio da pesquisa, do fazer cênico, que já permeava minhas aulas no ensino da Arte.

Segundo o IPHAN (2009), é importante a articulação de saberes diferenciados. No caso das ações na escola, une o conhecimento oferecido pelo programa curricular com o conhecimento tradicional das nossas comunidades, por meio da voz dos educandos e de seus familiares. Esta proposta pode ser trabalhada nos diferentes níveis de ensino e também no âmbito da educação não-formal, centrando as ações nos espaços de vida representados pelos territórios educativos.

A LDBEN - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de N° 9.394 (1996, p.7) prevê no artigo 1º, a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. Seguindo esta normativa, tenho aplicado conteúdo da arte cênica no último bimestre, como forma de se fazer entender o quanto esta linguagem se alimenta das outras linguagens artísticas.

Os educandos que compõem a turma do oitavo ano do ensino fundamental, turma em que desenvolvi esta pesquisa, foram foco de práticas de diferentes modalidades de leitura, associadas a arte de interpretar, manipulação de fantoches, exercícios selecionados de Reverbel (1979, p. 36-39).

No ano seguinte, na sétima série do ensino fundamental, apresentamos e discutimos sobre os conteúdos de teatro que iríamos desenvolver. Levei alguns textos infantis de Lurdes Ramalho (*Anjos de Caramelada e Maria Roupas de Palha*, 2008), as turmas divididas em pequenos grupos faziam as leituras de forma descontraída, à medida que iam tornando-se mais atentas as regras concernentes à compreensão do texto.

Durante a pesquisa, no oitavo ano, a turma foi composta por educandos com idades entre 13 e 16 anos, adolescentes, portanto. Estimular esses jovens a irem ao encontro de mães e/ou avós foi uma delicada tarefa.

Observei em alguns dos educandos certas rigidezes quando convidados a participar das oficinas. A introspecção surge como um empecilho e desafio ao contexto playback, o que destoa do ato de criatividade e expressão na modalidade.

A ousadia e criatividade são instrumentos do fazer da modalidade playback. Além de despertar a compreensão e importância dos aspectos referentes as histórias de família, enriquecendo a experiência vivenciada entre os que compõem a turma, também atende à necessidade de dar o devido valor as questões relativas a ancestralidades.

Geertz (1978, p.15) afirma “que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu” As memórias conduzidas ao Teatro Playback são resultado de eventos ocorridos no âmbito de grupos de famílias. Estimular a curiosidade em querer ouvir sobre os ancestrais, de situações vividas, hábitos, modos de fazer, de narrativas construídas ao longo do cotidiano.

Nesta experiência o educando assume ar antropológico, ousaria classificar como auto antropológico, pela intimidade das relações, em detrimento do olhar observador. Nesta conjuntura, a educação por meio da atividade cultural oferece instrumentos que auxiliam a pesquisa na execução de exercícios que permeiam a temática no universo social a que fazem parte.

Neste sentido, classifico esses educandos como sujeitos a serem analisados pela etnografia, mediante os fatos, as práticas, a genealogia, um garimpo praticado por eles mesmos, estimulados pelas aulas de arte. Produto a ser lapidado por etnógrafos: “praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informações, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário” (GEERTZ, 1978, p. 15).

Para Le Goff (2000, p. 57), “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar ‘identidade’, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e da sociedade de hoje na febre e na angústia..” Daí a importância dos sujeitos protagonistas de sua história, de sua função social das narrativas, a linguagem falada, a

linguagem dos sinais, como ferramentas vitais no ato da transferência de experiências vivenciadas.

Le Goff (2000, p. 53) esclarece que Freud faz uma ponte entre o sonho e a memória latente, e insiste na importância da infância na constituição da memória. Em uma das oficinas de Teatro Playback, uma genitora narrou sobre brincadeiras de crianças praticadas com as irmãs. Não percebemos a demonstração de narrativas hediondas para o público. Le Goff (2000, p. 53) questiona "se a memória não seria um produto da imaginação". Por isso se debruça sob estudos da memória individual, como importante elemento nas manifestações da memória coletiva. A ocasião poderia ter causado à narradora desconforto aparente, ao ser convidada a narrar fatos vividos. No entanto, mostrou-se estimulada a verbalizar fatos, isentos da autocensura. Trazendo a nossa realidade, "a exposição densa," na descrição de Geertz (1978, p.17), mostra-se inserida no contexto.

A singularidade expressa pelos envolvidos nesta experiência possibilita perceber a presença de expressões comuns ao mundo dos educandos, a partir das performances de caráter infantil. A função do Teatro Playback está em facilitar e formalizar cenas do cotidiano preterido.

Ao analisar os processos performáticos, percebo a presença do relativismo ao fato ocorrido, transformado em cena, a partir da abordagem interpretativa "Tratar os fenômenos culturais como sistemas significativos e, portanto, passíveis de interpretação" (GEERTZ apud MELO, 2015, p. 82), concede a parcialidade dos documentos, ao afirmar que "todo texto já é, por si, interpretação e reelaboração – interpretação da interpretação" (MELO, 2015, p. 82).

## **2.2 Práticas e princípios do Teatro Playback**

O improviso como ferramenta faz com que o Teatro Playback endosse o quadro das metodologias aplicadas na educação. Neste momento, se faz presente sob a ótica acadêmica a partir de sua experimentação multidisciplinar, junto a conteúdo da educação imaterial, a memória. Por ter aspectos comunitários, o Teatro Playback desempenha importante papel de transformação social. A dinâmica da modalidade playback oferece referências originais, que permanecem mesmo diante das variações que lhe são acrescentadas, a exemplo das que fazem parte dessa pesquisa.

O Playback estimula o educando a compartilhar histórias de família, com narrativa de fatos, a convite acatado por genitoras que vinham deixar seus filhos em turmas dos anos iniciais na escola.

No Teatro Playback o ritual de abertura acompanha o começo do espetáculo, seguido sempre da explicação do diretor sobre os processos seguintes, regularmente. Há um pouco de música com a finalidade de promover um ambiente cordial e respeitoso. Posteriormente a este momento, os atores constroem três a quatro esculturas fluídas, referências a jogos teatrais realizados antes da apresentação das oficinas de playback propriamente ditas, acompanhadas de sons abstratos, que traduzem as respostas vindas da plateia, referindo-se a indagações feitas pelo diretor.

Aos poucos, toda a comunidade começa a ser envolvida, mediante a dinâmica do diretor, que prossegue com perguntas dirigidas ao público, ao ponto de a plateia perceber estar sendo convidada, mas não pressionada, a participar do evento.

Até então, as perguntas eram feitas às pessoas na plateia, chega o momento que alguém irá ao palco, sentar-se-á na cadeira do narrador, ao lado do diretor e contará sua história. Os atores levantam-se a medida que forem selecionados pelo narrador, que define quem será cada um dos personagens de sua narrativa.

Ocorre uma conversa entre diretor e atores, num preambulo de representação. Em nossa experiência, a fase que segue ocorre em pleno deleite, não possuímos luz, cortinas, músico, apenas um cubo, com sessenta centímetros de diâmetro e alguns pequenos objetos cênicos.



**Figura 1:** Narrativas de mães na oficina do teatro playback em sala de aula.

**Fonte:** Acervo da autora, 2019.

O ator escolhe algum dos objetos para compor seu personagem, dirige-se a posição. A ausência do texto provoca o senso de criatividade diante da história a ser representada. Em uma oficina de playback em sala de aula, uma educanda contou sobre as galinhas que a avó mantinha num espaço atrás de casa, cujos ovos eram guardados cuidadosamente, pois eram responsáveis por garantir alimento a família; brincando com suas irmãs, uma delas de posse de um ovo, cozinhou para que todas comessem na casa da boneca, montada onde estavam. A história se repetiu até a avó perceber algo estranho e, pôs-se, a observar a brincadeira. Ao encenar a história um educando interpretou as galinhas e os ovos foram representados por bolinhas de papel.

O processo do trabalho em arte não ocorre de forma linear, é um processo de idas e vindas (ZAMBONI, 2012, p. 56), e realiza-se de forma a contemplar a criatividade dos que fazem a arte de interpretar de forma amadorística. As práticas educacionais que mediam o teatro playback em observância a condição histórica do cidadão, fortalece reflexões sobre a pluralidade cultural (IPHAN, 2016, caderno temático 5, texto 49).

No Teatro Playback o diálogo se faz presente como instrumento de uma educação libertadora, para a qual Freire (1987, p. 81-84) diz: “não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que, em comunhão, buscam saber mais[...]. A educação autêntica não se faz de A para B ou de A sobre B, mas de A com B”. Reconheço a importância do Teatro Playback, como contribuição consciente e intencionada de se e do outro, legitimada por narradores e atores presentes no processo de ensino-aprendizagem, memórias construídas e expressas na oralidade.

Se fez importante proporcionar aos sujeitos sociais dessa pesquisa uma formação garantindo noções de pertencimento e valor as suas memórias, pessoal e ao grupo familiar a que fazem parte. Cananéa (2016, p. 12) afirma “minha identidade é tudo aquilo que ajudei a construir de mim, na participação e no diálogo com outro”. A afirmação do autor ilumina nossas práticas entre mães, avós e educandos, quando convidadas a participar, tanto como narradoras e/ou expectadoras nas nossas seções de playback. A princípio, os sujeitos posicionaram-se temerosos e inibidos. À medida que dávamos prosseguimento as oficinas, os sujeitos mostravam reconhecer a importância da ocasião e transitavam com propriedade, como senhores de suas histórias.



**Figura 2:** Educandas participantes da pesquisa.  
**Fonte:** Acervo da autora, 2019.

Na última década, observei o crescimento e adesão a práticas metodológicas voltadas as demandas do fazer cênico na sala de aula no tocante a fortalecer a identidade cultural dos educandos. Nesse sentido, Tadeu da Silva (2000, p.75) eleva o tom sobre multiculturalismo ao mencionar “Tratamento Marginal” e destaca a importância em problematizar a identidade e suas diferenças, não interferir nas interpretações forjadas na cena, por exemplo, quando simuladas cenas de estupro, narradas pela mãe e professora Mary Terezinha, mãe da educanda Marjorie, mesmo que tais cenas mostrassem coisas ruins.

As diferentes narrativas são fontes de diferentes contextos de vida dos sujeitos sociais que se mantiveram envolvidos nessa experiência. Seguindo a linha de raciocínio do autor, ao atribuir bem-estar a quem esteve perante um público compartilhando suas memórias “a diferença é concebida como uma entidade independente” (TADEU DA SILVA, 2000 p.74) . Mães, avós ou mesmo educandos, se puseram no palco, em pé ou sentados. Ao narrar suas histórias, algumas mães por exemplo, ao narrar pela primeira vez o fizeram sentadas em postura contida, mães que narraram mais de uma vez, o fizeram com descontração. Uma ocasião, uma mãe dirigiu-se ao palco para mostrar as educandas atrizes como se jogava pedrinhas.

Nesse fluxo, citamos um grupo de professores, entre eles a pesquisadora, vinculados a Secretária de Educação do Município de Campina Grande, que desenvolve a logística de apoio educacional a escolas, priorizando as situadas em bairros periféricos e distritais do

município. O grupo pesquisa demandas inovadoras, bem como cria roteiro de acesso e transporte à escola com ações que atendam eventos educativos e culturais de diferentes características, além da confecção de jogos experimentais com suporte a educação, produções artísticas, étnico racial, desde fotografias e banners, estrutura para exposição dentro dos moldes existentes em museus, a exemplo de espaços delimitados entre a obra de arte a ser apreciada e o observador, a práticas de entrevista com a utilização de microfones entre pesquisador e educandos, em momento de visitação as exposições, suscitando no educando a prática de expressar-se publicamente e com qualidade técnica.

Como parte dos planejamentos, citamos a execução de ações vivenciadas durante a formação de professores. Resultando em publicações literárias, jogos educativos, visitas a museus, concerto didático entre escolas da rede municipal e o Departamento de Graduação do Curso de Música, da Universidade Federal de Campina Grande

Como membro desse grupo de estudo e elaborando experimentos conteudistas da arte nas suas diversas linguagens, observo um vasto campo de possibilidades do fazer artístico, a exemplo das experiências a que se propõe a pesquisa realizada nesse trabalho de cunho acadêmico.

Ao oportunizar a públicos do ensino fundamental a participar das oficinas de Teatro Playback-TP, realizadas com uma turma do oitavo ano, utilizamos a ferramenta do teatro na construção e fortalecimento da memória do eu e do outro por meio das narrativas, instrumento necessário para a existência do Teatro Playbak.

Foi esse cenário que movimentou os procedimentos à consciência de si, e do outro no grupo social que Cananéa (2015) questiona em sua tese “A educação popular fortalece a identidade”. Em sua pesquisa, o autor buscou compreender a educação popular como ação participativa.

Nesse sentido, os mecanismos que utilizamos estiveram voltados para o despertar das histórias encubadas na memória dos sujeitos sociais, como células a espera do desmembramento por meio da oralidade dos sujeitos narradores.

### **2.3 O processo de apresentação das histórias**

As narrativas passaram a ser estimuladas envoltas ao processo de aprendizagem teatral, a partir de fatos do cotidiano. A própria professora-pesquisadora, interagiu em tom descontraído, fazendo uso de um *slogan* tomado por empréstimo de um antigo programa

humorístico, de uma emissora de televisão. Prosseguia dizendo: “Quando eu era pequena lá em Barbacena...”. Isso era logo entendido como início dos exercícios.

Inicialmente, foi observada acentuada inibição para as narrativas. Neste sentido, a professora-pesquisadora tentou de quebrar o constrangimento momentâneo, contando suas próprias histórias de infância, como reflexo de sua bagagem sexagenária, com memórias que remetem a genealogia de três gerações anteriores a dela, com abordagem trazidas do início do século passado,

Ao observar avós de educandos que convivem sob o mesmo teto, nos vem alguns questionamentos. Além de serem guardiães de memórias, estas mães e avós detêm atribuição em cuidar da educação de filhos e netos, algumas exercem o papel de provedoras do grupo familiar.

Bosi (2006) destaca a importância dos indivíduos que, na terceira idade, junto a família, mesmo que o façam ignorando a importância desse atributo, são provedoras do grupo familiar. Percebemos que as oficinas de playback foram capazes de fortalecer e estimular o estreitamento nas relações entre diferentes gerações, a partir da oralidade, quando presenciamos o estímulo advindo da proposta veiculada a partir da pesquisa, a importância atribuída a esse sujeito como guardiães de memória pelos educandos.

A pesquisa demonstrou que as oficinas de playback foram capazes de promover e estimular um estreitamento nas relações entre diferentes gerações, a partir da memória proporcionada pela proposta vivenciada. Como ferramentas educacionais, essas oficinas foram responsáveis pelo incentivo à memórias inertes, ativaram narrativas de fatos adormecidos no inconsciente adulto feminino de mães e/ou avós, desvelando personagens de suas histórias de vida pois, contá-las, enriqueceu o público de educandos, na sua maioria.

As diversas oficinas foram agregadas de inusitadas narrativas que submergiram com a participação de mães e/ou avós, ali em frente ao quadro um palco simples, onde elas mostraram-se importantes, um lugar de destaque, lugar onde filhos e/ou netos se posicionaram atentos a ouvir, e dessa vez, elas foram protagonistas do processo ensino-aprendizagem. Bosi (2006) fala que essas histórias narradas conduzem o olhar a realidade a que foram submetidos estes protagonistas das memórias.

Del Priore (2002) organiza, a partir do olhar científico, dirigido a criança, o legado social afetivo opressor a que veem sendo submetidas. O estudo nos auxiliou junto aos educandos no reconhecimento e compreensão de suas memórias.

Utilizamos jogos de teatro com todos os educandos da turma do oitavo ano para, dessa forma, amenizar a resistência de alguns. O objetivo é que chegassem a desejar participar, sem pressão.

Os exercícios propostos por Reverbel (1979, p. 26-30) foram voltados a aguçar a observação, percepção, imaginação, espontaneidade, aplicando recursos corporais movimento ritmo, expressões gestuais e faciais.

### **2.3.1 Esculturas fluídas**

Seguiram-se ao processo várias formas de envolver a plateia no processo cênico do Teatro Playback, como: nossos educandos, pré-adolescentes, que ao longo dos três últimos anos vêm desenvolvendo exercícios de expressão gestual e corporal, aos poucos, apreenderam a soltar expressões com o corpo e a fala com delicada timidez, o que contribuiu para expressarem-se com espontaneidade, de silenciar e gesticular com leveza ou altivez posturas que diluem com naturalidade, contribuindo com as expressões chamadas esculturas fluídas, justamente por serem leves e momentâneas, ações essas, que contribuíram nas apresentações dos espetáculos na maioria ocorridos em sala de aula.

Iniciávamos sempre explicando a modalidade, tanto para melhor fixação da mesma pelos envolvidos na experiência, como por termos presentes novos narradores, educandos, avós e/ou mães, além de curiosos de outras turmas de educandos da escola ou mesmo técnicos da secretária de educação do município, na ocasião em visita técnica à escola.

Realizamos esculturas fluídas duas a três vezes, como forma de trazer a realidade uma prática já conhecida dos educandos, a fluidez em compor de forma imediata expressões faciais e corporais que os educandos faziam, expressões que denotavam diferentes emoções diante do público presente, na ocasião de encenar fatos e ou situações vivenciadas. Educandos atores colocavam-se no espaço cênico a vivenciar com movimentos e expressões os relatos oferecidos; estas narrações proporcionavam início as apresentações, os atores após ouvir, mostravam-se mais soltos, proporcionando o momento ideal para iniciarmos as experiências.

Usualmente, nessa ocasião, as apresentações do Teatro Playback ocorrem com a contribuição de um músico, instrumentos de corda e percussivo, acordes que correspondam a fluidez em processo.

Em nossas experiências, apenas uma vez, contamos com um músico, um educando do nono ano, que se mostrou interessado em participar das experiências com playback, dedilhando um violão, após explicarmos como deveria ser sua atuação.

### **2.3.2 Entrevistas e histórias da platéia**

Na etapa seguinte, a professora pesquisadora (no papel de diretora da cena) se dirigiu aos educandos e/ou convidados presentes e perguntou quem seria o narrador e deu prosseguimento a experiência. Até então, todos faziam parte da plateia. Aproximou-se o momento de alguém ocupar o cubo posicionado no meio do espaço cênico montado em frente ao quadro; um cubo de madeira coberto com chita estampado. Nele, o narrador sentado iniciava sua trajetória narrativa.

A princípio, as narrações ocorriam entre risos e conversas. Mas, a medida que avançávamos nas experiências, em participar com registros escritos das histórias colhidas de mães e/ou avós que não puderam estar nas oficinas por motivos não revelados, proporcionou uma demanda considerável de registros, alguns educandos foram propositores de mais de uma história revelada.

É importante registrar que a turma do oitavo ano se manteve participando, na maioria das vezes, como espectadores responsáveis pelo relevante registro escrito de histórias extraídas de grupos familiares.

Um grupo de cinco educandos se manteve presente nas oficinas de teatro playback, outros quatro educandos manifestaram interesse em participar das experiências de forma esporádica, a exemplo da educanda que participou interpretando a própria mãe, por solicitação da genitora.

Mesmo diante da demanda de relatos transcritos, era preocupante a ausência de mães e/ou avós às oficinas de TP. À medida que prosseguíamos o cronograma da pesquisa, percebia que poderíamos propor demonstrações a um número maior de participantes. A escola costuma apresentar à comunidade, no mês de outubro, as ações educacionais na Mostra Pedagógica, sendo o objetivo desse evento compartilhar com toda a comunidade os feitos experimentais didáticos realizados em todas as turmas, e a ocasião se mostrou excelente para compartilharmos nossa experiência à comunidade escolar, em especial a mães e avós que se fizeram presentes.

Algumas mães presentes colocaram-se como espectadoras enquanto outras foram adiante, participaram ativamente, assim como a que registramos a seguir. Um relato revestido

de compromisso e cuidados. A ocasião seria garantia de presença de mães de várias turmas e outros convidados aos palcos playback.

O relato referia-se a um episódio ocorrido quando ela cursava o ensino fundamental em uma escola pública estadual, a Anésio Leão, situada no bairro da Palmeira, em Campina Grande-PB. A mãe, hoje com cinquenta anos, narrou que gostava de chegar cedo à escola, e que certo dia, ao se aproximar do portão da escola, uma colega a abordou convidando-a para faltar a aula, insistindo por várias vezes.

**Mãe narradora:** Eu disse a ela que não ia, aí a garota xingou me chamando de Olivia Palito. Sorrindo a mãe disse que, quando criança, era muito magra, daí a menina insistiu dizendo, mulher deixa de ser besta, quando estiver perto da hora de encerrar a aula a gente volta, ninguém vai saber que você faltou aula, a gente vai chegar na escola e sai como todo mundo, então quem faltou nem vai ser notado.

#### **A mãe narradora respondeu**

Mas eu vou saber e a professora ia saber, não tem a chamada, como é que vai provar que eu estava na sala se eu não estava na hora da chamada! Não fui. E ela foi com outras colegas. Dirigindo-se ao público diz: - Eu já disse a vocês que eu era muito magra, Olivia Palito, magricela, sei que lá, e eu tô nem aí.

#### **Voltando a narrativa continuou a dizer**

Ela foi tentar convencer a outras duas garotas. Mais tarde soube que o pessoal estava doido procurando aquelas meninas, já era tardinha e elas não tinham voltado. No outro dia ela foi encontrada lá no matagal do Jenipapo, na Rua 15 de novembro. Eu estudava no Estadual da Palmeira que tem acesso ao Jenipapo, encontradas com as roupas todas rasgadas, ela tinha sido violentada, ela pegou carona, chamado na época de bigu. O moço levou, disse ela que ia pra casa da tia, e quando chegou num lugar, que era só mato, ela disse o que aconteceu por lá. Pra mim ficou a lição se eu tivesse ido talvez tivesse sido ela e eu, fica para ensinamento.

(Essa narradora é mãe de aluna da turma envolvida na experiência e é professora do ensino básico, lá atuou na gestão da instituição foco dessa pesquisa, em oficina realizada em 28/05/2020).



**Figura -3** : Oficina de teatro playback em movimento: A – Educandos do grupo focal encenando uma carona a duas personagens de uma história narrada por uma mãe e professora da escola; B – Tentativa de sequestro e fuga; C – Tentativa de cárcere privado; D – Estupro; E – Abandono após ato consumado; F – Retorno de parte dos envolvidos à cena de origem.

**Fonte:** Acervo da autora, 2019.

Faz parte do ritual playback, o narrador fazer a escolha dos atores que irão interpretar os personagens, à medida que o corre a narração. A ocasião da escolha dos atores ocorreu sob expectativa do grupo de educandos atores, dando lugar a criação de circunstâncias em dar vida, criar ações, expressões, como utilizar os espaços, a sequência do desdobramento cênico, a escolha dos adornos, que supriram o vazio entre a narrativa ao fato em cena.

Na ocasião, ficou claro o poder de aprender que o Teatro Playback exerce na educação formal, através de exemplo das experiências vividas com sujeitos da própria instituição, com alcance aos educandos.

### 2.3.3 O palco é lugar de fazer história

Hora e lugar para celebrar a frase ritual do playback: “Vamos ver,” manifestada por expressões de prazer, de expectativa pelo resultado da ação, não existe ensaios, as ações ocorrem após acordos tratados entre atores, as conversas de como fazer o quê, quando, e como são responsáveis pelo resultado.

À medida que experiência após experiência ocorriam, crescia o envolvimento e a cumplicidade das ações entre os educandos atores. Ao finalizar a cena os atores falaram entre si das ações com o parecer do fato encenado, postavam-se em fileiras, seus olhos faiscavam de expectativa e emoção a espera do pronunciamento do narrador.

Em determinada ocasião, a mãe de um educando do terceiro ano do ensino fundamental, convidada a participar da experiência, nos presenteou com uma história. O tema tratava de brincadeiras infantis, jogos com cinco pedrinhas, e de seu relacionamento com as irmãs menores. Ao finalizar a experiência, a professora pesquisadora perguntou-lhe sobre sua satisfação. A mãe narradora sorriu e sugeriu que a cena fosse realizada outra vez. As atrizes educandas sorriram e não se mostraram inibidas e, na apresentação seguinte, a própria mãe narradora colocou-se em cena juntos as atrizes educandas.

O playback theatre é acima de tudo, um teatro do momento. Podemos fazer qualquer coisa que nos pareça cabível à situação. Com uma plateia de pessoas que compartilha interesses profissionais semelhantes, por exemplo, podemos convidá-la a subir ao palco não para fazer uma cena, mas para se apresentar no papel de um cliente ou um preceptor. Também aqui, a espontaneidade provavelmente fará deste momento um dos pontos altos do espetáculo (SALAS, 2001, p. 54).

Em relação as abordagens que versam sobre oralidade e memória, tivemos um olhar atento à afirmação de Barreto (2016), ao dizer: “O público como Quinto Criador?” constituindo-se em referenciais diante da importância de trazer ao ambiente formal da sala de aulas mulheres com histórico de lutas e superação, que mesmo estando tão perto do filho e/ou netos educandos, estavam passivas de um olhar mais atento que as valorizassem como senhoras detentoras de histórias de família.

Por Meio do Jogo Poético com os Espectadores, estimular de forma prática a concepção de uma pedagogia do olhar voltada para a participação do espectador junto aos demais criadores de um processo cênico, sob o olhar do narrador. A partir de estímulos e provocações voltados a contribuir na formação do educando e do espectador.

Para Faria (2002), o jogo é uma forma de integrar a plateia ao ato de criar gestões a partir da oralidade, busca investigar a relação entre o conto de tradição oral e sua aplicação com jogos teatrais, um trabalho que contou com a participação de educandos. Estas pesquisas, constituíram-se em um marco de partida a nos direcionar, ao que perseguimos nessa experiência. Fortaleceu o objetivo da pesquisa além de contribuir com as experiências praticadas em sala de aula, mostrou que a pesquisa realizada não ficou no campo abstrato.

### **3. DA ORALIDADE À METODOLOGIA: caminhar é preciso**

#### **3.1 Fatos narrados: o desafio é torná-los cênicos**

As histórias se repetem ao longo da história da humanidade, atores e cenários das mais diversas sociedades. Neste contexto, registramos e buscamos valorizar a fonte dos fatos que jorram de famílias, mães, avós e dos educandos. A única classe do oitavo ano do ensino fundamental da escola pública municipal, além de trinta mães e avós convidadas a experimentar, vivenciar fatos ocorridos na ancestralidade, ou fatos ocorridos com os sujeitos narradores, ou entre eles, e os próprios educandos, parfa vivenciá-los de forma brincante por meio de jogos teatrais.

Para que esta demanda ocorresse, fiz uso da metodologia qualitativa, por entender da importância dessa modalidade junto aos parâmetros das ciências sociais, estando os indivíduos envolvidos nesta pesquisa, vivenciando entre dois universos, o passado e o presente de suas emoções, provocadas e demonstradas, a partir da compreensão do educando ator em cena. Minayo et al (1994, p. 21) defendem que

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um universo de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Esta experiência, teve a Memória como da pesquisa qualitativa, alimentada pela oralidade, sob as técnicas do teatro playback. A linguagem oral, cujas características próprias, aos olhos de cada narrador, enfeita com entonações e pausas propositais, posturas, à dança dos sentidos, aplicadas mediante a compreensão do educando ator. Essas características buscam formas que expliquem o inexplícito (MINAYO et al, 1994, p.10). Para problemas essenciais, como a pobreza, a miséria, a fome, a violência, a ciência continua sem respostas e sem propostas.

O foco dessa experiência está moldado na pesquisa qualificativa, dado a importância das memórias de família. O campo da pesquisa qualitativa alimenta-se das diferenças e interpretações que permeiam a memória, de quem viveu um fato narrado a interpretação de quem ouviu e contou. Entendendo que as experiências são frutos de vivências de uma

comunidade de baixo poder aquisitivo e, portanto, farta em necessidades e valores a serem nutridos.

Upiano (1992, p.9) afirma que:

O tema memória está em voga, hoje mais do que nunca. Fala-se da memória, do negro, do oprimido, das greves do ABC, memória do constituinte, e do partido, memória da cidade, do bairro, da empresa, da família. Talvez apenas a memória nacional, tantas vezes acusada (e tantas vezes acuadora) esteja retraída. Multiplicam-se as casas de memória contos, arquivos, bibliotecas museus, coleções publicadas e especializadas (até mesmo periódicos). Os movimentos de preservação do patrimônio cultural e de outras memórias específicas já contam com fora política e tem reconhecimento público"

No segundo semestre do ano letivo de 2018, sob a euforia da aprovação do mestrado Profartes na UFPB, comuniquei aos educandos do oitavo ano turma que desenvolvemos nossas experiências, que na época cursavam o sétimo ano, da nossa alegria em estar submetida a um processo de estudo que viria nos direcionar e fundamentar com teorias, as novas práticas de teatro, uma vez que estamos a cada ano desenvolvendo diferentes técnicas do fazer teatro. No início do ano letivo de 2019, solicitei oficialmente meu afastamento das demais turmas para concentrar esforços nas experiências com exclusividade, no oitavo ano, turma composta por trinta e cinco educandos, sendo quinze meninos e vinte meninas.

O entusiasmo de colegas e da gestão, demonstrado em diversas ocasiões nas experiências, ocasionou na participação curiosa de outros profissionais da educação com aplicação do playback, a exemplo de um pedagogo, com formação em Comunicação Social, habilitação em jornalismo, atuando como narrador em uma oficina.

O cuidador de um dos educandos fez questão de relatar ter conhecimento com a modalidade de Teatro Playback, quando estudante do Centro de Cultura e Arte da UEPB, onde nas segundas à tarde havia oficinas de TP, e que se encantou com a dinâmica e a técnica do trabalho com os sentimentos e emoções. Ele narrou sua história e que foi encenada pelos educandos do grupo focal. Seu depoimento consta deste trabalho. O TP mostra esse lado no palco, produzindo liberdade a um processo de ressignificação.

À medida que avançamos nas oficinas de TP, os educandos mostravam-se familiarizando com a inovação de trazer histórias de família ao centro das atenções, na expectativa de divulgar e compartilhar, aprender e apreender histórias de mães e/ou avós, razão que estimulou as demandas do processo.

A turma do oitavo ano vivenciou experiências em diferentes modalidades de teatro desde o sexto ano, discutidas e articuladas à mescla do ouvir e permitir a ousadia do fazer artístico em aulas de arte. Sempre que falava das minhas expectativas às experiências nas aulas do mestrado, havia um interesse e curiosidade, temperados com perguntas a esse respeito.

A apresentação aos educandos da proposta do Teatro Playback ocorreu sob expectativa aos relatos, maquete de palco, exemplos do ato de fazer playback, à solicitações a turma de quem poderia naquele momento narrar um fato vivido. De repente, uma educanda expressou algo vivido por ela e suas duas irmãs, pediram para sair da sala e lá fora organizaram a apresentação. Chegaram à porta da sala e perguntaram se já poderiam apresentar o que foi narrado. Afirmei que sim, apresentaram a cena com desenvoltura natural e com criatividade, concluindo sob os comentários de aprovação da narradora e dos risos e gargalhadas dos demais.

Na primeira etapa do experimento, acompanhada de expectativas, solicitei que conversassem com suas mães e/ou avós sobre suas histórias para que as repassassem nas aulas de artes. Mães com idades que variavam entre 29 a 58 anos, e quanto as avós suas idades eram entre 50 a 63 anos, bisavós com idades entre 70 a 81 anos, brindaram estas experiências com suas contribuições.

Famílias procedentes de vários municípios do estado da Paraíba, como Sítio Canudos, em Boqueirão, Lagoa de Dentro, Princesa Izabel, Sapé, Sítio Jenipapo, em Campina Grande, todos atualmente residentes no bairro onde está situada a escola. Residir em uma cidade de maior porte contribuiu na diversificação de trabalho como: motorista de ônibus, motoboy, mototaxista, pedreiro, serralheiro, diaristas, cuidadora, professora e estudante.

Previamente, comuniquei à gestão escolar que pretendíamos organizar horários para as oficinas de playback em contra turno, um dia de cada semana, durante os meses de maio, junho e julho, e desenvolvemos as oficinas de forma que atendêssemos o cronograma das práticas.

Entendi que deveríamos iniciar as primeiras oficinas de Teatro Playback-TP, ou simplesmente playback, como chamamos no meio artístico, na primeira semana do mês de setembro de 2019, mesmo estando em pleno desenvolvimento do calendário escolar no município, mas essa ação poderia contribuir, como contribuiu, como indicativo de aceitação dos educandos ao que pretendíamos desenvolver como experiência acadêmica. A ocasião foi aceita pelos educandos que não se opõem em ir à escola no contraturno. Ao contrário, havia sempre os estímulos de alguns para que marcássemos frequentes oficinas, ao passo que

começaram a entender a proposta a eles dirigida. Entendi que iniciar os procedimentos playback antecipadamente, poderia, a partir dessa escuta, obter resultados satisfatórios. As atividades foram anunciadas em rodas de conversa sobre a experiência e quais atividades ocorreriam em sala de aula. Assim, desenvolvemos a pesquisa até o último dia letivo de 2019, realizando praticamente todas as etapas de oficinas de Teatro Playback. No ano seguinte (2020), voltamos a dar prosseguimento ao conteúdo de artes do primeiro bimestre em curso nesse ano, já a partir de fevereiro, inicialmente de forma presencial, e depois, com atividades remotas, a partir de abril, em razão do isolamento social decretado pela Prefeitura de Campina Grande-PB.

Impossível não nos referir ao que surgiu de forma inesperada, proporcionando mudanças radicais em todas as relações sociais, a pandemia da Covid-19, que veio mostrar a fragilidade da sociedade, principalmente nas classes menos favorecidas. Nesse momento, a escola se viu obrigada a instrumentalizar-se e capacitar educadores e educandos a usarem o *google classeroonn*.

Mediante essas circunstâncias, percebi que o nosso cronograma, agora já no final da pesquisa, teria que sofrer alterações, passei então a utilizar o *Messenger* e o *WhatsApp* para continuar com os contatos com as mães e educandos envolvidos na pesquisa, tínhamos um novo cronograma que nos propusemos a finalizar.

Como a alma do TP são as narrativas, estimulamos a algumas poucas mães que mantivemos contato, a fazerem narrativas sobre esse tempo de distanciamento social, sendo importante evidenciar as dificuldades em fazer contato com mães, avós e educandos, haja visto os entraves de acesso à internet, o que dificulta a dinâmica dos educandos frente as atividades propostas pelo processo de ensino-aprendizagem online.

Mantive contato com as mães dos educandos Victor Hipólito, Shayury Emilly e Shelton Jonas. Percebi a importância em cumprir o cronograma que havia apresentado no plano de trabalho ao Comitê de Ética da UFPB e que foi aprovado.

A mãe do Victor Hipólito, via *WhatsApp*, narrou de sua preocupação em não poder sair para ver seus pais, além de doméstica, é artesã, a noite trabalha na criação de adesivos decorativas de unhas, e que o isolamento a deixou sem um recurso importante na renda familiar, revelou que o filho não estava fazendo as atividades online, que ele não havia mencionado sobre a nova dinâmica da escola em tempo de pandemia.

Chamou atenção na sua fala quando fez referência a pessoas do entorno onde mora, que estão usando o auxílio financeiro que o governo federal destinou para os cidadãos de

baixa renda, para ir ao cabelereiro ou fazer churrasco, afirmando que todo dinheiro que consegue usa para estoque de alimentos para a família.

O contato com a educanda Shayuri ocorreu mais tardio, posteriormente, a educanda nos informou ter passado dias sem comunicar-se, pois o aparelho celular da mãe havia sido roubado, por esse motivo esteve ausente. Busquei falar com a sua genitora da mesma e combinamos que, posteriormente, eu ligaria para ela. Quando o fiz, Shayurri informou-me que a mãe estava no trabalho, perguntei casualmente em que trabalhava e respondeu-me que a mãe trabalhava na Coteminas, no setor de fiação. Não tratamos mais, apesar de ter tentado outras vezes.

A mãe do Shelton, além de doméstica, também é empreendedora individual, confecciona peças decorativas e vestuários adulto e infantil com a arte do crochê, inclusive tem uma página de divulgação no *Instagram*.

A riqueza dessas conversas suscita futuramente que essas informações poderão alimentar novas oficinas presenciais de Playback, acreditando que essas mães estiveram propensas a aceitar tal convite. Além de que essa iniciativa estabeleceu um cumprimento de ações do universo playback, remotamente estivemos proporcionando uma nova modalidade de ouvir as narrativas, dando continuidade as várias histórias já registradas em 2019 e início de 2020.

O distanciamento social foi responsável pela necessidade de ações outras, quando formos dar continuidade as ações reiniciadas em fevereiro de 2020 e a promoção de encontros agora virtuais, correspondentes aos encontros pensados de maio, que ocorreram segundo o cronograma estabelecido, entre o horário das 15h às 16h, concluindo o ciclo de experiências do Teatro Playback na turma, composta de 35 educandos, destacando-se os oito educandos que formou o grupo focal da pesquisa.

Cumprimos o cronograma de datas agendadas para os meses de maio e junho com alguns contatos. Considero proveitosa a utilização do Teatro Playback como elemento de aproximação com os educandos e seus familiares. Segundo o atual gestor da escola, a modalidade de Teatro Playback veio aglutinar valor social à educação e em particular a escola Elpidio de Almeida:

Como gestor da Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. Elpideo de Almeida, Ramadinha II, Campina Grande – PB, observei que no campo das artes a professora Márcia Maria Barbosa de Menezes implementou o projeto “Teatro Playback”, um teatro de improviso desenvolvido com os alunos do 8º ano, através das performances de relatos do cotidiano vivenciado entre eles e seus familiares, professores e um cuidador. Foi um trabalho muito proveitoso, percebi o entusiasmo dos alunos em aprender e

participar, se interessaram pelo estudo, já que se tratava de uma inovadora e expressiva experiência de vida, os medos, os sonhos dos seres humanos e conseqüentemente de suas famílias e/ou mesmo, dos próprios alunos (Aluizio Marques da Silva- Gestor Escolar).

Ainda me referindo ao primeiro semestre do ano letivo de 2020, me reporto ao mês de fevereiro, sugeri que solicitassem a mães e/ou avós, contar histórias consideradas relevantes para, em seguida, eles narrarem em sala de aula. No entanto, também tomaram a iniciativa de levar para as aulas, histórias escritas para serem apresentadas na modalidade playback. Devido ao expressivo número de histórias escritas, tomamos a iniciativa de junto a turma fazer sorteios das histórias a ser encenadas.

O grupo focal esteve atuante nas solicitações de interpretação, no primeiro contato com a modalidade playback, vimos como promissora a proposta a ser experimentada. O TP aqui compreendido e constituído como instrumento metodológico a garantir procedimentos que vivificaram a objetividade da pesquisa, por possuir influência no social crítico, proposto ao sujeito como ser pensante e sujeito construtor de sua própria história.

O Teatro Playback estimulou e edificou ações de caráter pessoal, com improvisação de ações da própria vida dos educandos, o querer se expressar ou saber se expressar, proporcionou diálogos pós cena, que abordavam ponto de vista pessoal e social estimulando a leitura de mundo.

### **3.2 História Oral e Memória do conhecimento**

O narrador alimenta os educandos atores com lembranças e memórias de famílias a serem encenada em sala de aula, promovendo um desprendimento de todos os envolvidos, a partir da coordenação da professora pesquisadora. Estimular educandos da importância das histórias de família, a irem até mães e avós, e solicitar que narrem fatos ocorridas no seio da família, contribuem com o processo narrativo.

A importância dada às técnicas do Teatro Playback, a indivíduos que não exercitam o ato de vivificar memórias de família, mostrou ser salutar à prática do Teatro Playback, e como diz Salas (2001, p. 17), é "uma forma de improvisação teatral baseada em histórias de eventos da vida comum e não comum, narradas durante um espetáculo". No caso de nossa pesquisa, em ambiente escolar.

Sobre o Teatro Playback no Brasil, Nobrega (apud SALAS, 2001, p. 21) afirma que:

A primeira vez que vi uma dupla de palhaços entrar no quarto de uma criança hospitalizada, fiquei fascinado por aquelas experiências: atores sem condescendência, com total domínio cênico, presentes, transformando aquele encontro num espetáculo completo, com meio e fim.

A história oral formalizou expressões comuns aos diferentes contextos relacionais dos grupos de famílias envolvidas, direta e indiretamente. Essa metodologia mobilizadora, nessa envolvente experiência, através de estímulos provocados nos adultos provedores dos relatos, lembranças e memórias, nos presenteou a cada degustação de narrativa encenada.

Para educandos, filhos e filhas, netos e netas, ser narrador participante, envolvido em um método de pesquisa, segundo Gonsalves (2014, p. 27), “a primeira tarefa do docente é buscar pistas para se aproximar, minimamente, do estilo de aprender ao aluno” e o *playback*, permite desenvolver novas habilidades de leitura e escrita, estimula seu trabalho criativo ao conectá-los às suas comunidades.

A memória funciona como um arquivo, nela estão armazenadas informações, dados importantes de natureza diversa, que podem vir à tona se estimulados em aulas das mais diversas disciplinas, como forma de envolver de forma mais efetiva o contexto memória e ancestralidade. Com a oralidade estes fatos se tornaram ingredientes ao teatro *playback*.

A pesquisa qualitativa, e a história oral foram de importância imensurável, e nesse sentido, Thompson (1998, p. 337), afirma que "a história oral devolve a história em suas próprias palavras. E ao lhe dar um passado, ajuda-as também a caminhar para um futuro construído por ela".

A história oral teve a função de propiciar o conhecimento, compreensão e importância dos sujeitos envolvidos nesta pesquisa. Quem narra comunica algo a alguém, e está construindo o fazer-se ouvir, a ouvir os excluídos de suas histórias, proporciona importância as trajetórias de família, sujeitos anônimos da história oficial, mas que se mantém presentes no cenário da família, do bairro, da cidade e do planeta.

À medida que avançava a experiência, observava a importância que os educandos passaram a dar as histórias, passei a observar um outro olhar aos recortes de tempo narrados, múltiplas circunstâncias ganharam riqueza de detalhes temporal. Segundo Delgado (2003, p.10), “o tempo é um movimento de múltiplas faces, características e ritmos que, inseridos à vida humana, implica em durações, rupturas, convenções, representações coletivas, simultaneidades, continuidades, descontinuidades, sensações (a demora, a lentidão a rapidez)”. As oficinas passaram a receber narrativas com significados vivificados.

A esta vasta e contundente definição, afirmo que o tempo se faz presente inserido nos fazeres, saberes e celebrações que acompanham os sujeitos na trajetória de vida. O tempo não altera o pretérito mas contribui para novos significados emanados dos sujeitos.

O tempo é um processo em eterno movimento, nesse sentido mudam os personagens no transcurso da vida de todos, protagonistas do presente que induzem o olhar ao pretérito, condicionam a importância a fatos, objetos a circunstâncias futuras. De acordo com Delgado (2003, p.10), “são os humanos que constroem suas visões e representações das diferentes temporalidades e acontecimentos que marcam sua própria história”. A autora classifica a relação inseparável do tempo à nossa existência. Estamos todos à mercê desse senhor tirano. O papel de experimentar a modalidade playback exercita o tempo passado refletido no presente.

As faces do tempo são múltiplas, cabe aos sujeitos submeter as histórias protagonizadas a novos focos de visão. Delgado (2003, p.10) considera que “ao se dedicar à análise do passado, o estudioso da História vai ao encontro de um outro termo diferente daquele no qual está integrado”. A autora propõe um olhar à importância e temática de estudo do senhor tempo na pesquisa. Assim, percebemos que ao conhecer o passado, sua simbologia e dinâmica temporal, tocaram profundamente as mães envolvidas indiretamente na pesquisa, ressaltaram a importância da escola na formação de filhos e filhas, ao expressarem a contribuição advinda do Teatro Playback.

A modalidade TP é uma prática que estimula diferentes unidades de tempo, acionada a partir das alternativas sugeridas com a compreensão expressa em cena. O ato é vivenciado por outros sujeitos que naturalmente aplicaram diferentes mecanismos em aprender e apreender o fazer cênico. Delgado (2003) evoca a importância na reconstrução do passado, instrumento nas múltiplas representações constituídas nas cenas produzidas. Para Le Goff (2000, p. 09), “a memória, como capacidade de conservar certas informações, recorre, em primeiro lugar, a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode actualizar impressões ou informações passadas, que ele representa como passadas”.

Na linha de importância do tempo, Delgado (2003) destaca a memória como uma aliada a um passaporte dinâmico entre as gerações, as subsequentes comunidades em suas diversas expressões de lugar. A memória é responsável por caldeiros de histórias em suas diferentes freguesias.

A memória expressa-se com diferentes indumentárias, com caras e bocas interpretativas, distinta em idades e, a seu tempo, os sujeitos direcionam seu olhar ao que julgam importante. No presente, o pretérito é fantasioso ao jovem olhar.

A outra face, os adultos, permeiam suas memórias por caminhos percorridos, guardam vestígios e desejos às novas gerações, desejo por finalizações diferentes aos ascendentes. O termo “e foram felizes para sempre” não ocorre na íntegra, mas pode assumir um final promissor. É o que ouvimos em alguns relatos dos adultos ouvidos durante o processo prático das oficinas de TP.

Na visão de Delgado (2003, p.23), “os melhores narradores são aqueles que deixam fluir um enredo que inclui lembranças, registros, observações, silêncios, análises, emoções, reflexões, testemunhos”. Um bom narrador envolve os ouvintes conduzindo-os aos cenários e personagens de sua narrativa, como num teletransporte. Viu-se em determinadas narrativas a evolução do sentir e expressar.

### **3.3 O desafio é incorporar o adulto na brincadeira do “vamos ver”!**

O termo “Vamos ver” faz parte dos procedimentos metodológicos da modalidade playback, é o clichê para dar início a encenação das mães e avós participantes do processo, convidadas a falar de si para os presentes, a estabelecer uma provocação.

A modalidade da história oral estimulada a ser estendida a diferentes grupos de família dos educandos, a partir da prática em sala de aula, com a participação de algumas mães e ou avós, foi uma rica experiência educativa.

Os jogos teatrais utilizados constituem-se em instrumentos capazes de quebrar a introspecção dos adultos e educandos que se mostraram abertos a perspectiva da experiência. O experimento se reveste da possibilidade de uma nova forma de se ver e se projetar na experiência, pois, “a incapacidade de contar a sua história está diretamente relacionada, com a falta de condições para organizar e compreender o seu passado, o que indica ainda a dificuldade de situar-se no presente e de projetar-se no futuro” (DESGRANGES, 2006, p. 22).

O caminho que percorri na vida universitária me fez experimentar da importância dos pilares da universidade pública: ensino, pesquisa e extensão, estagiei em comunidades, pesqueira na praia de Pau Amarelo, Paulista Pernambuco; posseira do INCRA, em Surubim, Pernambuco; indígena em São Gabriel da Cachoeira e comunidade de ribeirinho na cidade de Borba, Amazonas; em duas operações nacionais ao Amazonas; operações nacionais de vacinação infantil; levantamento ocupacional do campus da UFRPE; comunidade carnavalesca Amantes das flores, no bairro de Casa Amarela, Recife; Comunidade de pequenos agricultores, em Gravatá, PE.

Os desafios estavam presentes em todos os ambientes. Com espírito jovem para lutar com aquelas pessoas, foi uma bandeira que tremulei. Hoje ergo o mesmo estandarte no ambiente escolar, a oralidade e a minha história de vida se faz presente no discurso que pronuncio em sala de aula. São linguagens apresentadas de forma lúdica e criativa, voltadas para a construção de jovens cidadãos(as).

O teatro se faz sujeito aplicado na construção do educando crítico, que o TP pode despertar para uma nova consciência de si e da ancestralidade, das memórias que devem ser valorizadas. Com essa gama de ações voltadas ao fazer coletivo e a memória de suas vidas, dos que fazem a comunidade escolar e de seu entorno, a instituição escola proporciona o despertar da crescente importância de sua existência e a relação com as famílias do corpo discente.

Neste contexto, destacamos a afirmação de Geertz (1978, p. 38):

Um repertório de conceitos muito gerais. Feitos na academia e sistemas de conceitos – “integração”, “racionalização”, “símbolo”, “ideologia”, “ethos”, “revolução”, “identidade”, “metáfora”, “estrutura”, “ritual”, “visão do mundo”, “ator”, “função”, “sagrado”, e, naturalmente a própria “cultura”.

Nesses processos educativos observo a contribuição ao florescimento e fortalecimento dos laços de família entre seus membros, que foram capazes de contribuir com os resultados das oficinas de playback, acompanhando o desempenho aplicado aos Sete Saberes de Morin (2019) - O Erro e a Ilusão; O Conhecimento Próprio; a Transmissão do Saber Multidimensional; O Lugar; Notoriedade da Existência e Importância; Interação Humana e a Ética.

As formas de expressão, os diferentes saberes, as celebrações do lugar de origem e suas histórias, se afinam aos sujeitos da pesquisa, tanto no contexto defendido por Morin (2019) ao compreender e interpretar, na modalidade playback suas histórias de vida, bem como estarão presentes como ferramentas na educação, como alternativa para novas leituras de vida.

### **3.4 A importância do Teatro na sala de aula**

Para melhor compreensão do desenvolvimento de nosso trabalho, descrevo, como essa pesquisa tem embasamento num processo de ensino do teatro que desenvolvo, a partir do sexto ano do ensino fundamental. Nessa trajetória traçada, demonstramos como o trabalho

chegou ao grupo focal com educandos do oitavo ano. Desenvolvo esse trabalho com o teatro na sala de aula a mais de cinco anos. Os primeiros passos nos conteúdos de arte, nas turmas de sexto ano, costumo solicitar aos educandos que fechem os olhos, pois iremos fazer uma viagem ao túnel do tempo, que abram os olhos ao meu comando. Daí, me dirijo a classe dizendo que estamos observando um grupo de *homo sapiens*, estão dançando em círculo, no centro um deles está sob uma pele de animal, dança cada vez mais freneticamente.

De repente, um deles faz de conta que atira uma lança abatendo o suposto animal que cai, significando ter sido abatido no momento ápice. O ato é o preambulo para irem à caça, que aquele evento foi para proteger os caçadores na ação, e não serem eles os caçados. Dizemos então que muito antes dos gregos, aqueles indivíduos já praticavam teatro sem o saber.

Historicamente, os primeiros passos estão vinculados aos séculos VI e VII a. C. durante os festivais Dionisiacos, que ocorriam em espaços abertos, aos clássicos Aristófanes, Ésquilo, Eurípedes e Sófocles, período das configurações dos princípios da dramaturgia grega, em que Aristóteles, estabeleceu princípios da peça teatral, início meio e fim da ação. Palácios, praças e carroças foram espaços ocupados por saltimbancos por um longo período.

A Idade Moderna tornou-se palco da prática do teatro litúrgico e profano, quando ocorre a consolidação do teatro popular, grupos optaram por comédias, cheias de intenções políticas e sociais, e da farsa, onde satirizavam o cotidiano e os governantes. Estas formas cênicas propiciaram o surgimento do Teatro Erudito, uma imitação dos modelos greco-romano, de características acadêmica, linguagem pomposa e temática longe do atrativo jocoso.

A concepção de um teatro para um público maior, com cenários simples, tempo cênico delimitado dá origem a Comédia Dell'Arte, modalidade que abre as cortinas para o espetáculo cênico do século XV, modalidade que se mantém nos palcos da Itália e França, de forma ativa até o século XVIII. Composta de poucos indivíduos, itinerante, com liberdade ao improvisado de personagens eternizados, colombina, polichinelo e arlequim, suas máscaras, de um caminhar cênico voltado ao encontro e desencontro amoroso de final feliz.

Enfim, o Renascimento surge com grupos de teatro público e privado, da cobrança de ingressos, arquitetura em semicírculo, com o glamour dos palácios, numa linha acadêmica e, de linguagem pomposa, da ausência do protagonismo bíblico. O homem assume seu papel de construtor, de destaque. Surge a figura do bobo da corte, cuja função era a de provocar dúvidas e incertezas. A cortina aparece com a função de separar palco do público, apagam-se as luzes da plateia, a atenção está apenas no palco.

Sob a luz das grandes descobertas, o Teatro Barroco se veste com exageros de cenários de efeitos especiais, plumas e cristais, com a presença da mulher em cena, além do surgimento de grandes dramaturgos: Willian Shakespeare, Jean Molière. Um passo ao Teatro Moderno, patrocinado pela descoberta da América e do avanço das tecnologias.

As cenas passam a reproduzir o mundo externo, o homem do além-mar é induzido aos palcos na praça e na igreja, a proeza de encenar em idiomas que não eram os seus. Induzido a eventos alheios a sua cultura, passo a passo do estrangeiro sorrateiro e iminente na desconstrução proposital da cultura nativa.

Na perspectiva da evolução do ensino da arte no Brasil, sugiro uma viagem ao tempo, proponho observar o processo, a partir da visão panorâmica colonialista marcada pela dependência cultural. Da presença marcante do Barroco Nacional, com características carregadas de emoção pela dor, pelo ouro e o açúcar. O Neoclássico se apropria de características elitista e estrangeira, avançando com a proposta de implantar um desenho como requisito a mão de obra qualificada para a indústria.

Os séculos seguintes, já na terra do pau brasil, com a construção de casas de ópera, surgem os primeiros dramaturgos brasileiros, como Martins Pena, Arthur Azevedo, autores da comédia de costume, de atores românticos, Gonçalves Dias e José de Alencar ao despertar nacionalista com Gonsalves Magalhães.

O século XX inaugura o teatro comercial, alguns atores eram tratados com grau de importância superior às peças encenadas, e em oposição a essa prática, dramaturgos como Oduvaldo Viana e Procópio Ferreira promovem o acesso a prosódia brasileira, seguido do teatro de brinquedo, e ainda, em oposição ao ator atração, ocorre a formação de grupos de teatro independentes, Grupos de atores amadores, o Grupo de Teatro Brasileiro de Comédia, Grupo do Teatro de Estudantes e o Grupo Universitário de Teatro.

Surge o Grupo Teatro Oficina, experimentando o stanislavskiano com Os pequenos Burgueses e brechtiano com Galileu Galilei, do Oswald de Andrade, O Rei da Vela, todas dirigidas por José Celso, possuíam abordagem crítica às mudanças no cenário social da época. De olho nesse turbilhão de inovações do teatro, jovens, como Plínio Marcos e José Vicente, acompanhavam as transformações de perto.

O primeiro registro do teatro na educação foi o teatro catequese, século XVI. No século seguinte, surge o teatro de celebração, as festas populares e acontecimentos políticos, mídias vivas. Os palcos eram ruas, praças, colégios. Seguiu-se ao processo a construção de teatros, considerados necessários para as elites, mas com o povo afastado. O século XX surge revestido das novas tendências nas artes cênicas, imbuídas em despertar o olhar crítico. As

transformações sociais e políticas, ocorridas no decorrer deste século, proporcionaram o aparecimento de um teatro principalmente questionador, a exemplo da obra do dramaturgo alemão Bertolt Brecht (*Mãe Coragem*, 1941).

Boal (1997, p.9), envolvido nas propostas de mudanças, cria um sistema que permite: “libertar o espectador da sua passividade, da sua condição de testemunha, e o converte em ser ativo, em protagonista do fenômeno teatral”. Diante dessa observação, vemos coerência entre as modalidades do Teatro Playback, do Jonathan Fox e o Teatro do Oprimido. O primeiro destaca o indivíduo como narrador de suas histórias, a observador da cena que protagonizou; o segundo, o observador da cena entra na cena e a modifica, deixando a passividade do assistente.

No novo contexto, o indivíduo é estimulado a perceber a sua história vivenciada com maior amplitude e criticidade social. Ambos revolucionam, estimulando o público a uma participação capaz de provocar novos diálogos, induzir mudanças, questionar o fato ocorrido ou a história contada.

Nesse período, a educação abria as cortinas e concedia objetivos e conteúdo para o ensino do teatro com a publicação da Lei 5.692/1971 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), que regulamentava o ensino no Brasil, incluindo o teatro no quadro das disciplinas que constituem o currículo escolar. A proposta abriga a necessidade de demandas na formação de professores para a docência do teatro em sala de aula. Reverbel entra em cena com a primeira edição do livro *Teatro na Sala de Aula* (1978).

O teatro está em processo de recriar-se, olhos e mentes mantem-se atentos, diferentes focos, ator e público, derrubaram paredes, puseram-se ao lado, expuseram-se a toda sorte de emoção. O teatro como elemento de contestação social, do debate e da dúvida, se faz forte na rua e nas praças, fora das casas de espetáculos.

Aspectos também vivenciados no campo da educação. A escola como campo experimental, a exemplo da turma onde desenvolvemos os experimentos. Na sexta série, iniciamos os primeiros exercícios da arte de interpretar, tendo Reverbel (1979), como responsável pelos primeiros contatos da turma com o teatro.

Deixo as reflexões sobre o teatro e sua função social e volto à sala de aula. O ano letivo seguinte, no sétimo ano, continuamos a desenvolver experiências com o teatro a partir das leituras cênicas. Na ocasião, com textos da escritora campinense Lurdes Ramalho. Na última experiência, intencionalmente, nossa convicção em abordar sobre memória cultural nos conteúdos utilizando os textos *Maria Roupas de Palha*, *Novas Aventuras de João Grilo e Corrupia e Tangará* e *Anjos de Caramelada* (RAMALHO, 2008).

A metodologia utilizada neste desafio constou na divisão da classe em grupos, da seleção de trechos das peças e dinâmica das leituras em versos e prosas. Os versos cantados deram leitura, a princípio, no acanhamento aos praticantes, evoluindo a medida que evoluíam as performances inesperadas e autênticas. As falas em tom de brincadeira elevaram a capacidade criativa na construção dos espaços cênicos, dinâmica acompanhada de risos coletivos e estáticos, provocados por gargalhadas e disparates do intérprete.

Nossa caminhada metodológica junto ao público dessa pesquisa vem de ações outras, com a utilização das práticas teatrais em sala de aula, sempre ouvindo e dialogando com os educandos, uma conquista construída ao longo dos últimos três anos de convivência, quando temos buscado leituras sobre jogos teatrais que possam enriquecer o processo ensino-aprendizagem da arte do teatro, na sala de aula.

Propor diferentes percepções do que seja o teatro, metaforicamente falando, figura-se como uma Maria Fumaça na estação. Aos poucos novos, vagões vão se posicionando nos trilhos, a cada parada abastece-se com novas experiências. E a viagem vai tomando rumo, mostrando através das janelas novas formas a serem vivenciadas.

O teatro, como uma leitura da realidade segue a pauta, ensinando, brincando, brincando e aprendendo, como um coringa, o teatro como ponto de apoio na modalidade do aprender, fazendo. O comportamento, a percepção do indivíduo em suas particularidades, são estimuladas no teatro na modalidade Playback acompanhada do Teatro do Oprimido, ambos com afinidade criticam a formação do cidadão, ele sim, construtor de sua história.

As diretrizes colocadas em discussão pela BNCC- Base Nacional do Currículo Comum, de seus pressupostos, manifestados de diferentes formas, os pequenos sujeitos em processo de crescimento intelectual e social, são convocados a dar seus primeiros passos como pesquisador, a ir em busca da ancestralidade, dando importância a práticas investigativas, experimentando a diversidade em apreender sobre o teatro.

A experiência com o Teatro Playback oportunizou nos educandos, participantes dessa pesquisa, mudanças de atitude, diante do outro, e de forma lúdica, a modalidade Playback opera na zona de conforto do narrador que é levado a observar a cena que propôs.

Algumas mães narradoras são diaristas, outras desenvolvem atividade em casa, como desfiar tecido para a confecção de buchas de polimento, confeccionam e pintam toalhinhas de prato. Uma mãe é estudante do Instituto de Educação Federal, mãe costureira, mãe professora que leciona na própria escola, faxineira e avós aposentadas.

O Teatro Playback eleva sua articulação a um campo social mais abrangente, fornece elementos críticos, suscita a importância das histórias narradas. Como uma Mãe que como

narradora, fez referências a sua infância de criança órfã, de sua alegria em prover a filha, com a educação que não obteve.

O Teatro Playback proporciona um olhar crítico aos educandos e plateia escolar participantes, a exemplo da educanda convidada a representar uma adolescente órfã, que ao final confidenciou sobre as dificuldades em ser uma criança órfã.

Para Freire (1987, p. 45), o diálogo é uma necessidade existencial, que se solidariza com o refletir e o agir dos sujeitos envolvidos no mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro. O diálogo construído pelos pares, através da oralidade, se solidarizou e contribuiu com os saberes e fazeres vivenciados entre os grupos de família dos educandos envolvidos na pesquisa.

Uma outra abordagem do Teatro Playback, refere-se à possibilidade de qualquer um dos atores ser protagonista ou coadjuvante, na modalidade playback, o narrador seleciona os atores a interpretar os personagens. Ao finalizar a cena, o diretor da cena dirige-se ao narrador solicitando que opine sobre o que foi encenado, se procedeu de seu agrado, do contrário poderá o narrador solicitar que seja outra vez encenada a sua história. O Teatro Playback-TP não é terapia, mas é terapêutico.

O TP propõe aos indivíduos autonomia diante dos fatos, indo em busca de sua liberdade de expressão. Como arma de libertação para os sujeitos construtores, o TP promove transformações, circunstâncias que ocorrem a partir do ato de interpretar memórias que lhes foram próprias. Opera em posições que se alteram, conforme livre arbítrio desses protagonistas. Em referência aos educandos, esta postura reside na relação parenteral. O TP atua na posição de ensinar com ética (sem opressão).

Os sujeitos sociais (educandos e familiares) não se mostram de forma pura, uma vez que ao fazer uso do livre arbítrio, mais sujeitos a ocupar posturas adversas, em sua própria história. Portanto, em uma relação parenteral, esta postura poderá ocorrer. Nessa ocasião, as características do TP entram em cena, oferecendo ao narrador possibilidades de apreender através da encenação do fato narrado. Dessa forma apreender a partir das expressões do outro, o outro e com o outro em cena. Aprendendo livremente.

O TP oferece o fato encenado à discussão e análises ao fazer referência aos diferentes protagonistas: narradores e atores. Ao narrador lhe é mostrada a possibilidade de transformar-se em espectador da ação, aos atores cabe expressar emoções e finalizações transformadoras. Ao narrador, a possibilidade de um novo olhar sobre o fato exposto. Nos parece uma dialética teatral de narrar, refletir, narrar de novo e realizar uma nova compreensão sobre o narrado-

imagine poder encenar a sua história de vida e recontá-la a partir de outros olhares, além do seu.

O teatro na sala de aula, e em particular o TP, enquanto agente social na aprendizagem, mostra por meio de suas modalidades, caminhos que o educando por si só, passa a desenvolver a medida que experimenta as diversas expressões do teatro. Aprender sutilmente o domínio do corpo, seu caráter estético, perder a timidez pelos jogos teatrais, tudo faz parte desse processo de ensino-aprendizagem. Por ser uma das mais antigas formas de expressão, o teatro vem, ao longo de sua história, desempenhando função questionadora, social e política.

O teatro em sua dimensão geral e, em particular o TP, favorece reflexões, *a priori* sobre si mesmo e o seu entorno, nas diferentes dimensões da vida social, cultural, política, histórica, étnica, econômica e ética. Estimular relatos de experiências e vivências em ter participado de apresentações ou ter visto teatro na escola, rua ou teatro, constitui-se em excelente contribuição diagnóstica e mediadora à apreensão do educando sobre si e seu entorno social. Nessa perspectiva, foi desenvolvida essa prática antes e durante o desenvolvimento dessa pesquisa e assim continuaremos a atuar, como professora do ensino de artes na educação básica.

O TP traz, nesta pesquisa, uma aproximação com as situações de vida dos educandos sujeitos desse processo, a partir da história familiar e da encenação das histórias de vida e dos diálogos proporcionados e refletidos numa nova ação e postura frente as suas próprias histórias.

#### **4. ABRAM-SE AS CORTINAS, O ESPETÁCULO VAI COMEÇAR: conversas sobre as ações realizadas**

##### **4.1 O Teatro abriu as cortinas da minha história**

É comum o contar ou querer ouvir histórias sobre outras pessoas. Um interesse que acompanha os indivíduos desde sempre, afinal somos seres sociáveis. Crianças de tenra idade mostram interesse por este procedimento. A exemplo, um de meus filhos quando criança, antes de dormir, pedia para que lesse diariamente, por meses, O Rei Leão, de Elizabeth Rudnick, e eu lia, sob o acordo de inserir outras leituras.

Encantar-se ao ouvir histórias vem bem além de nossos ancestrais. A habilidade em fazê-lo é apreciada por ouvintes de diferentes idades. Por sua vez, as escolas aprimoram esta empolgante atividade como forma de conquistar novos leitores, narrativas que estimulam e estreitam relações entre os sujeitos na família e na escola.

Ao iniciar essa pesquisa, com a experiência do TP, observei nos educandos um misto de entusiasmado, expectativa e inquietação, à solicitação de levar à sala de aula suas histórias. Uns calados, outros mais exaltados, mostravam-se estimulados pelo convite. A ocasião sinalizava diferentes estímulos de afinidades.

De imediato quatro educandos demonstraram desejo em se fazer ouvir. Na ocasião orientei com detalhes e exemplos os procedimentos do fazer playback. Iniciamos com a narração de uma educanda sobre uma galinha que punha seus ovos em um espaço situado ao fundo do quintal da casa de sua avó.

A representação levantou a autoestima da narradora, seguida por outro educando, que, sentado na cadeira em frente ao quadro narrou a trajetória de vida de um tio usuário de drogas e das demandas sofridas por sua avó. O referido educando interpretou o tio, personagem da história, enquanto que uma outra aluna interpretou a avó.

No segundo encontro, esperei encontrar uma turma motivada o bastante para prosseguirmos nas narrativas seguidas das encenações. No entanto, o que ocorreu foi um silêncio profundo, inquietante, procurei estimulá-los sugerindo atribuição de bonificação (um ponto) àqueles que levassem histórias recolhidas de suas conversas com mães e/ou avós, tenho dúvidas se fiz certo ao oferecer a bonificação, mas foi o que me ocorreu naquela situação. Havia esquecido da importante contribuição das atividades dramáticas em Reverbel (1979).

Na ocasião seguinte, fui surpreendida com a entrega de vinte e quatro histórias escritas, fruto da aproximação dos educandos com suas famílias: quatro de mães, duas de avós, uma de avô e vinte dos educandos, uma demonstração de que os laços afetivos haviam sido aflorados entre gerações de filhos, mães e/ou avós, o que não havia ainda ocorrido em momentos anteriores.

Mesmo existindo um retorno à solicitação feita, o objetivo era termos as mães e avós presentes na sala de aula para que pudéssemos praticar Teatro Playback. No entanto, observei resistências dessas convidadas. A desculpa dos educandos foi eclética, trabalham fora lavando roupas, tem irmãos pequenos, tomam conta da avó.

A estratégia foi convidar mães que costumam levar e buscar filhos menores, educandos dos anos iniciais. Interpelei um grupo de quatro mães, duas mães de educandos do segundo e quinto anos finais aceitaram o convite.

Procurei ser clara na explanação do objetivo da pesquisa. A mãe do educando do segundo ano inicial sorriu e aceitou o convite, pediu um momento enquanto liberava a criança a se posicionar na fila indiana a que todos se colocam para adentrar em sala de aula, enquanto que a outra mãe nos acompanhou, sentando-se onde havíamos indicado.



**Figura 4:** Posicionamento dos elementos e atores no palco do teatro playback.

**Fonte:** Acervo da autora, 2020 (SALAS, 2001, p. 58)

Na classe, professora, pesquisadora e educandos arrumaram o espaço da sala de aula dentro dos moldes playback, elaborado segundo Salas (2001). Ficamos esperando a mãe que iria ser narradora.

Depois de algum tempo, a mãe surgiu de roupa trocada, penteada, de brincos e batom, havia ido preparar-se especialmente para o evento. Sentou-se entre as outras mães que já esperavam, posicionadas no lugar indicado, sorriu, e narrou.



**Figura 5:** Mães de educando do ensino fundamental inicial, convidadas a participar das narrativas nas oficinas de teatro playback.

**Fonte:** Acervo da autora, 2019.

Esclarecemos a todos os presentes, como é de praxe, os procedimentos do teatro Playback para dar início as ações. A jovem mãe dirigiu-se inicialmente meio inibida diante da classe e dos educandos atores posicionados do lado oposto ao que ela se encontrava.

Não havia sido em vão sua ida em casa para arrumar-se, pois, convidada a fazer sua narrativa, dirigiu-se à frente do quadro branco e comunicou que teria duas histórias para contar, a primeira história sobre quando criança, como costumava brincar com suas irmãs menores. Concluída a narração, selecionou quais educandos representariam os personagens. Igualmente procedeu em relação a segunda história narrada. As outras duas mães convidadas a fazer o mesmo, após convite da professora pesquisadora, sorriram, responderam dizendo que preferiam observar os procedimentos.



**Figura 6:** Educandas protagonizando uma brincadeira infantil, narrada por mãe convidada, de cócoras representando crianças.

**Fonte:** Acervo da autora, 2019.

Ao final da encenação, indagamos à mãe se o que foi apresentado a satisfizes, a resposta veio imediata, foi positiva. A ação proporcionou nos educandos ir em busca de novos relatos da família, através de mães, pais, avós, avôs e bisa. Percebi que a ocasião estimulou a aproximação entre a maioria dos sujeitos presentes.

Duas educandas da sala faziam parte de um mesmo grupo familiar, moravam em ruas próximas, conviviam com avós. Surgiu, assim, a oportunidade em estimular e estreitar o convívio entre duas gerações.

Pelo fato de serem as oficinas no contraturno, convidamos mães dos educandos para as oficinas, fizemos o convite para às 14 h. No entanto, o horário não foi recebido com agrado, questionaram ser muito cedo, que gostariam que fosse mais tarde, às 15h, pois antes teriam que lavar a louça do almoço. Formulamos novo convite as mães, para que marcassem horário e dia que lhes conviesse, então, sugeriram algumas datas nos meses de maio e junho (realizadas em encontros virtuais, com muitas dificuldades em razão da carência de equipamentos e navegação na *internet*), que se alteraram conforme nossas negociações. Mas, nossos encontros passaram a ter um mesmo horário, das 15h às 16h.

Em algumas dessas oficinas não contamos com a presença de uma só mãe, apenas a professora pesquisadora e os educandos do grupo focal. Como combinado nos

encontrávamos na escola às 15h, em todos havia satisfação e observei o crescimento da solidez das ações nos vários momentos na construção das tarefas, em organizar os espaços, na exposição dos objetos cênicos (chapéus, camisa, lenços, bijuterias, peruca e outros adereços cênicos).

Dedicar alguns minutos no início da manhã para conversar com algumas mães me fez perceber a importância da escuta, lembrar que mães que não trabalham fora pela manhã, ocupam-se com os afazeres domésticos. Essa conversa matinal com algumas mães, no momento em que veem a escola deixar os filhos menores, ouvir suas demandas, me fizeram entender que a tarde as oficinas seriam de grande valia à experiência em curso.

A presença de mães na ocasião das oficinas estimulou os educandos a irem em busca de novos contatos entre familiares, resultando em maior quantidade de relatos transcritos, contabilizando mais vinte e três histórias colhidas entre quatorze mães, um pai, seis avós, um avô e uma bisavó.

Na última oficina abrimos a porta da sala de aula para convidados especiais. Na ocasião, montamos grupos de trabalho para as diferentes frentes de ação: um banner em preto com o nome da modalidade de teatro que iríamos apresentar, a demarcação do espaço cênico também em TNT preto, o cubo em madeira usado como elemento de cenário foi revestido com tecido de chita azul florido, a aquisição de objetos menores para compor os personagens, camisas pretas em algodão com a inscrição para cada um dos membros do grupo focal.



**Figura 7:** Educandas encenando brincadeira de esconde esconde, no cenário construído pela professora voluntária e educandos do grupo focal.

**Fonte:** Acervo da autora, 2019.

Fomos agraciados com a colaboração da professora Sônia Pinto, que gentilmente confeccionou a placa com os dizeres TEATRO PLAYBACK CEAI. A gestão escolar providenciou as camisas para os educandos do grupo focal. A professora pesquisadora foi responsável pelo *designer* em serigrafia nas camisas, enquanto os educandos providenciaram a nova roupagem do cubo.

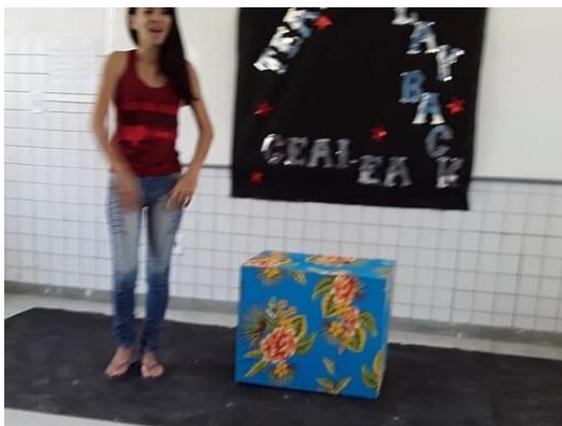
A véspera do evento constituiu-se especificamente em organizar o cenário e na realização de jogos cênicos com a modalidade playback, com a leitura de algumas histórias pertencentes ao repertório que havíamos coletado.

O dia "D" foi memorável. Sala cheia, mães de educandos do oitavo ano, mães de outras turmas, professoras, gestor, técnicos da SEDUC-CG. A rotatividade foi uma constante, tivemos várias ações de TP, todas alimentadas por mães narradoras.

Cada narração nascia de experiências vivenciadas por mães, deixavam claro a importância dada ao evento, ouvimos narrações com gosto de nostalgia das brincadeiras no domingo à tarde com a família reunida na casa de avós, histórias de mau assombro alimentam o lendário rural, sobre orfandade, memórias da bisa, assim como relato de natureza comportamental.

O grupo focal exalou euforia a cada narrativa. No intervalo das apresentações, duas educandas manifestaram insistente interesse em fazer parte das encenações, a primeira encostou-se às cadeiras destinadas aos educandos atores. Em seguida, uma mãe narrou sua vida como menina órfã e confiou à nova integrante do grupo de educandos atores a incumbência de interpretá-la.

A componente recém chegada ao grupo focal foi selecionada pela narradora a experimentar o fazer teatro playback e foi colocada a prova. A adolescente dirigiu seu olhar de socorro a professora pesquisadora que a encorajou: você é capaz! A educanda respirou fundo, dirigiu-se ao meio do palco, sentou-se sobre o cubo e deixou que seu olhar, vagando a esmo como se estivesse sozinha naquele momento, não emitindo nenhuma palavra. A mãe narradora sorriu e disse ter gostado da atuação da educanda, aliás a emoção tomou conta do espaço.



**Figura 8:** Mãe de educando narrando sobre uma história de assombro conhecida desde sua adolescência. **Fonte:** Acervo da autora, 2019.



**Figura 9:** Educanda caracterizada para atuar em uma oficina de teatro playback. **Fonte:** Acervo da autora, 2019.

A educanda, por diversas vezes, confidenciou o desejo da presença de sua genitora às nossas oficinas. No entanto, tal desejo não chegou a ser concretizado, pois esta cuidava da avó da educanda, por pessoa idosa com os seus setenta anos. Observei que durante a construção do processo playback, a educanda manteve-se atenta ouvindo, decantando cada narrativa e desenrolar cênico, demonstrava compreensão, enquanto desabrochava o despertar sensibilidade na prática do ouvir e respeitar a história do outro a cada experimento cênico.

No decorrer do processo pudemos observar a evolução de diferentes reações dos educandos. Falar de si para um público, mesmo um público de sujeitos companheiros de sala de aula ao longo do ano, pois a maioria deles estudam juntos desde as séries iniciais do ensino fundamental um, era difícil.

Esboçar reações por meio de ações que colaboraram em superar inibições, no enfrentamento do eu diante do outro, com atitudes recheadas de indecisões, confrontadas com práticas do ouvir os mais extrovertidos na composição das cenas de histórias narradas, foram conquistas dessa experiência. Essa observação é recorrente a alguns educandos. Educandos masculinos, em maior número, foram mais resistentes as práticas, que as educandas.

Relatamos, como exemplo, uma educanda transferida de outra unidade escolar. Segundo elas, as práticas de jogos dramáticos relacionados a temática do playback, inexistiam na escola anteriormente.

A tímida educanda acomodou-se em uma das cadeiras destinadas aos educandos artistas, esperou ser convocada, o que não tardou ocorrer, pois as educandas mais desenvoltas

no processo postaram-se em sua volta a sugerir posturas cênicas coniventes a proposta narrada.

Na perspectiva da oratória, histórias verídicas, inventadas, criadas ou alimentadas tornam-se instrumento didático expresso pela modalidade de Teatro Playback. Somos todos contadores, a sala de aula com playback tornou-se o lugar de expressão para essa prática. Na opinião de Salas (2001, p. 36),

Nosso trabalho é revelar a perfeição de forma e significado de qualquer experiência, mesmo que seja narrada de maneira nebulosa e conforme. Conferimos dignidade às histórias, com ritual e consciência estética, interligando-as para que formem uma história coletiva a respeito de determinada comunidade, seja a comunidade transitória constituída, pelo público de um espetáculo, seja um grupo de pessoas cujas vidas estejam interconectadas de forma mais continuada. Um grupo de pessoas que compartilha suas histórias deste modo não pode deixar de se sentir conectado: *o playback theatre é um poderoso edificador de comunidades*. Oferecemos uma arena pública na qual o significado da experiência individual se expande para fazer parte de um sentido compartilhado de existência significativa.

O Teatro Playback alimenta a socialização das histórias, aproxima pessoas e gerações como observado nessa experiência, além de fortalecer novas possibilidades didáticas.

A genitora da educanda compareceu a escola à tarde, participou das oficinas, e posteriormente, em conversa com a professora pesquisadora, ressaltou a importância da relação familiar, do saudosismo das brincadeiras do passado, do distanciamento de pais e filhos, da preocupante relação dos filhos com as novas tecnologias, referindo-se ao aparelho celular.

#### **4.2 Playback na sala de aula: a visão do eu e do outro em cena**

O caminho percorrido nessa jornada levou todos a um relacionamento mais próximo e atribuo ao Playback essa incumbência. Conteúdos didáticos costumam ser recebidos com certas interrogações para seu fazer. Elevamos essa façanha para as pessoas da família, convocadas a participar de forma diferente de outras convocações que a escola faz, sempre procurando manter esses grupos mais próximos – família e escola.

Participar dos diferentes momentos do TP, seja relatando, narrando ou apenas ouvindo, fizeram os educandos transportarem para o campo pessoal o empenho em buscar

suas lembranças infantis, a observar seus próprios comportamentos, aspirações e peripécias da idade. O TP opera com possibilidades de incentivo propondo um voltar-se para os fatos em suas memórias. O Playback, em suas dinâmicas e técnicas, é capaz de incentivar diálogos entre os indivíduos, proporcionan relembrar suas memórias através da oralidade e, a partir dessa experiência, fortalecer suas identidades culturais e pessoais.

Cada um, a seu tempo, contou a história de sua história, no palco e em cena, joias que se mostraram envolvidos à fantasia do palco. Nesse sentido, uma seleção e classificação de histórias, produções dos educandos em ambiente doméstico, organizados sob o critério a partir do pessoal ao coletivo. As primeiras histórias narradas e vivenciadas pelos próprios educandos estão nesse primeiro grupo, onde encontram-se descrições de seis histórias.

O segundo grupo de histórias vivenciadas entre os educandos, pais e irmãos, estão registradas em sete histórias, e o terceiro grupo refere-se a duas histórias, com referência aos pais. O quarto e último grupo traz a contribuição de oito histórias com foco nos avós e bisavós. Dessa forma, lançamos um olhar específico e suas conexões às dinâmicas do TP junto as emoções e ressignificações.

### **4.3 O Teatro Playback nas vivências em grupo: narrativas a partir da experiência vivida durante a pesquisa**

Todos somos fragmentos que oscilam nos espaços que o tempo nos dispõe, vivenciamos circunstâncias em cenários diários que nos transmitam emoções diversas, responsáveis pela bagagem de memória que classificamos, guardamos no consciente e mais profundamente no subconsciente, principalmente tratando-se de crianças, cujas vidas são modeladas pelos responsáveis.

A importância dessa bagagem desponta na memória em determinados momentos quando estimulados. Para Salas (2001, p. 123), “é um imperativo humano básico. Vem da narração de nossas histórias o nosso senso de identidade, o nosso lugar no mundo e até mesmo nossa bússola do mundo em si”.

As circunstâncias armazenadas se revelaram na oralidade estimulada pela memória. São lugares, pessoas e circunstâncias que povoaram as narrativas que enriqueceram o universo playback, espectadores foram promotores de cenas playback.

Essas séries de contação de histórias, são comentadas a seguir.

#### **Na Creche**

Quando eu estudava na creche minhas duas amigas eram Camila Vitória e Creusa Vitória. Bom, eu era muito chata e arengueira, na hora do recreio estava eu e Camila andando pelo pátio da creche, é eu e Camila gostava muito de uma boneca que tinha lá, só que a boneca estava com Creusa, eu fui lá pedi pra brincar com a boneca e ela não quis mi dá, ai eu puxei a cabeça da boneca e Creusa puxou o corpo, e a boneca se partiu no meio, ai Creusa saio chorando com a parte de baixo da boneca, e como eu só tinha ficado com a cabeça eu fui pegar o corpo, ai eu puxei o corpo a mão dela e fiquei com as duas partes da boneca, eu e Camila ficamos brincando com boneca (Maria Eduarda da S. Moreira, 13 anos).

A educanda expressa atenção a seu comportamento infantil, alegando que atualmente procura conversar para resolver seus problemas. Vemos a contribuição do fazer playback no amadurecimento do sujeito, instigado ao ver e fazer cênico.

#### **O dia que a gente foi quase atropelada**

Tudo começou com a nossa incrível fome, certo dia eu estava na casa de tia Mary quando nos bateu uma fome muito muito grande e decidimos ir comprar pastel e guaraná e como a rua já estava um pouco esquisita nós como saímos um pouco idiota decidimos começar a dançar surffle dance e do nada apareceu um carro mais nós não percebemos e continuamos dançando e o carro começou a buzinar e sós saímos bem devagar daí ele ficou com raiva e acelerou e a gente saiu correndo (Larissa da Silva Farias, 14 anos).

Conduzir propostas a narrativas do cotidiano descontraído, sem presunção dos fatos, insinuar suas vivências leves e livres de preocupações, expostas aos cuidados do playback um momento a ser compartilhado, vivenciado, dessa vez, com o grande grupo.

#### **O pássaro fução**

Eu gosto de criar passarinho, eu tenho um golado ai estava eu e um amigo conversando na porta da minha casa, ai apareceu um golado solto brigando com meu golado, então eu fui e armei o alcapão, para tentar pegar ele, mas ele não entrou no alcapão, e foi embora ai deu uns minutos e ele voltou para perto do meu golado dessa vez ele caiu dentro do alcapão mas quando eu corri para pegar ele fugiu, então eu armei de novo, ai ele entrou de novos, quando corri para pegar ele fugiu, então eu fiquei com raiva e não armei mais (Júlio Cesar da Silva, 13 anos).

Constatai que obtivemos resultados favoráveis a demanda playback desde a nossa primeira tentativa, no início do período anterior ao oficial da pesquisa, quando um educando

interpretou uma galinha. A ação prosperou na memória, em cena, a mesa escolar transformou-se em moto, gaiola e/ou automóvel.

#### **Pesca perigosa**

Em um lindo dia estava em uma pescaria em mar aberto quando pesquei um dourado e veio uma onda com um cardume que quase virou o barco e peguei um tubarão que quebrou minha varra de pesca e meu molinete profissional nesse dia nós pegamos a maior quantidade, na temporada de pesca eu fui o que mais pesquei, nesse dia ficamos muito felizes pois pescamos muito (João Vitor Hipólito, 12 anos).

Sugestões criativas e inusitadas estimulam e ocupam as mentes dos educandos envolvidos na experiência playback, a linguagem cênica é mentora, inova e estimula o florescer de novas expressões linguísticas, fortalecendo assim aspectos propícios aos demais processos de ensino-aprendizagem.

#### **Missão impossível: a queda**

Em 2017, numa tarde eu e mais três amigas viemos para a escola fazer um “trabalho”. Uma dessas meninas não estudava aqui, mas ela veio para me acompanhar. Terminado o trabalho decidimos ir brincar na quadra, porém decidimos arrodar a escola, mas era proibido. Mas fomos mesmo assim, isso aconteceu por volta de umas 15h da tarde, e as crianças estavam no intervalo. Nós quatro fomos, mas dois meninos viram a gente, eu e Yara corremos de volta e as outras duas seguiram em frente, mas com isso uma das minhas amigas escorregou e acabou caindo ao lado de uma cisterna, nós rimos muito e voltamos para a quadra, eu ainda achei que era melhor se esconder, mas as meninas decidiram que não. Ficamos sentadas disfarçando e ainda bem que nada deu errado com a gente. Até hoje lembramos desse. Vai ficar marcado na nossa história (Islânia Bruna, 13 anos).

O ambiente escolar notabiliza-se como agradável, mesmo no contraturno reveste-se como espaço de socialização. Visitá-lo na companhia de amigos que não estudam no estabelecimento denota o prazer em levar ao outro o aspecto agradável que se constitui a escola. A harmonia e atmosfera favorável foi demonstrada na atitude.

#### **Sem título**

Um dia eu, minha irmã, meu irmão, meu pai e minha mãe fomos lanchar fora. Achamos uma pastelaria aberta que era de frente para a pista. Então a gente foi comer lá. Assim que chegamos pegamos cada um, um banquinho para sentar e procuramos uma mesa que estava vazia. Nós sentamos. Como meu pai estava um pouco acima do peso, decidimos que era melhor ele pegar dois bancos e colocar um em cima do outro. Ele falou que não precisava e quando se sentou, caiu e o banco quebrou (era aqueles bancos de plástico), todos nós rimos muito, ele ia sendo atropelado mais tirando

isso foi engraçado. Ajudamos ele a se levantar e a comida chegou e nós comemos (Emilly Thais da Silva Tavares, 13 anos).

O poder do relato descritivo minucioso atenta para os recursos que enchem de minúcias o fato em foco, mesmo diante de uma casualidade preocupante, do cuidado reservado e atento a cada um dos membros da família.

### **Eu e meu primo**

Certo dia, eu e meu primo tinha ido imprimir umas imagens, estava indo normalmente só que no meio do caminho eu tive a brilhante ideia de eu e meu primo tocar a campainha das casas das pessoas, então subimos a rua aonde minha amiga mora, quando chegou perto da casa de minha tia, meu primo apertou a campainha, nós começamos a correr, enquanto eu corria minha sandália saiu do meu pé, então voltei para pegar a sandália enquanto meu primo já estava na outra rua, cansada de tanto correr com meu primo decidimos parar um pouco pra descansar, continuamos a ir para imprimir as imagens, só que meu primo fez o favor de pisar na minha sandália e torá, eu fui o caminho todo reclamando com ele e ele rindo da minha cara, eu fui até o lugar só com uma sandália no pé, quando voltamos eu pisei sem querer na sandália dele, sem maldade nenhuma, nós quase ia saímos, chegando quase perto da casa ele foi na casa dele colar minha sandália, quando eu cheguei na minha casa contei para minha mãe que ele pisou na minha sandália e torou (Estefany Emanuela Martins de Souza, 13 anos).

Revelar peraltices sem receio de ouvir, posteriormente, algum agravamento pelo ato, um fato comum entre crianças assediar as campainhas alheias, um repertório conhecido assim como o desenrolar da sandália que quebra na ocasião de fuga, cena muitas vezes reproduzida em produções pela arte no cotidiano, recebida posteriormente como ato heroico quase sobrenatural. O imprevisto relatado como façanha, ato peculiar no universo cênico.

### **História de família**

Em uma história de ladrões que eram procurados pela cidade de Nova York esses ladrões iam roubar o banco que estava no cofre 100,000,000,00 de dólares, eram 3 ladrões Jack e Chris foram pela porta da frente do banco e Bourne foi pela parte detrás do banco para pegar o dinheiro que estava no cofre. Bourne conseguiu descobrir a senha do cofre e pegou todo o dinheiro, em seguida Bourne já foi pela porta da frente do banco. Jack e Chris vieram com Bourne para entrar no carro e foram embora, quando eles pensaram que estava tudo bem apareceu um cara que saiu do mundo das trevas, o nome era Gibson, ele começou os perseguiu e pegou a arma específica que só no mundo das trevas, ele atirou no pneu do carro e estourou o pneu do carro e o carro saiu capotando e ficou no meio da estrada. Gibson desceu do carro e pegou sua arma específica e atirou em Chris aí Bourne saiu do carro e arroudeou, Gibson foi dentro do carro e pegou o dinheiro aí ele viu Bourne e atirou nele, em seguida Jack dentro do carro disse: Você está fazendo uma coisa errada e você vai morrer, Gibson Respondeu "- Quem fez errado foi você eu não vou morrer quem vai morrer é você. Jack fez uma Pergunta - De onde você veio? Gibson respondeu – Eu vim das trevas.

Aí Gibson foi e atirou no carro e o carro explodiu com Jack dentro do carro. Gibson pegou todo o dinheiro e foi embora para o mundo das trevas onde fica seu lar (Emanuel Barbosa de Souza, idade 14 anos).

O que o educando absorve é sempre inusitado e a criatividade é única, aflora de uma forma sem preconceito aos desejos em saber do outro motivado pelas informações que lhe chegam. As mídias são responsáveis em propagar situações adversas que assumem traços realistas de repercussão.

#### **Minha história**

Bom eu vou contar a minha história com a minha mãe e meu padrinho Bom um dia a minha mãe combinou com o meu padrinho para fazer uma pequena festa a minha mãe falou com a mulher que mora na casa da frente para fazer dois bolos meu padrinho fez a decoração, fez um arco com bolas colorida com outras bolas fez cachorro espada e outras coisas e minha mãe disse: Camila a festinha não pode ter muita gente tá. -Tá eu vou chamar Renato, Eloisa, Alicia, Samuel, Estefany... E eu os chamei, vieram e assim foi a festa (Camila Vitória dos Santos, 13 anos).

O grupo familiar surge de modalidades diversificadas, compactuando formas explícitas despidas de padrões tradicionais aos olhos das novas gerações, experiências com o TP foram construídas diante da ausência de preconceitos. Os pré-adolescentes mostram-se atentos a outras visibilidades sociais.

#### **Sem título**

Uma vez no 3º ano estava tendo aula de ciências a professora estava falando sobre animais ovíparos e mamíferos aí ela perguntou um exemplo de animais mamíferos aí na porta da sala apareceu a mãe de um de nossos colegas e assim que a professora fez essa pergunta um menino fez essa pergunta um menino gritou. -A mãe de Pedro.

Aí todo mundo pensou que ele estava dando a resposta da pergunta da professora. A grande verdade ele estava avisando que a mãe do colega tinha chegado (Ana Beatriz, 13 anos).

A compreensão interpretativa acompanha, progressivamente, os indivíduos em formação escolar, o poder de armazenar e repassar histórias persiste por toda existência humana, situações que, vez por outra, emergem em momentos oportunos inesperados e estimulados, como o que ocorreu em nossa pesquisa.

#### **O menino da bicicleta**

Era um belo dia quando um menino que se chama David pediu a seu pai para pegar a sua bicicleta na casa da sua, vó o pai dele foi pegar mais o freio tava quebrado, teve que leva para o conserto quando o pai dele chegou sem a bicicleta David começou a chorar, no dia seguinte o pai dele foi trabalhar e de noite ele chegou com a bicicleta David ficou muito animado mas

quando ele foi pra área de lazer e começou a andar na bicicleta apertou no freio da frente a bicicleta virou e ele caiu com o rosto na borda da piscina e quebrou um dente da frente os seus colegas logo correram para contar ao pai de David. O pai dele disse vá chamar ele para mim por favor. David entrou dentro de casa chorando e quando o pai dele viu deu uma bronca nele e deixou ele de castigo, o pai disse que ia vender a bicicleta e fim, espero que você tenha gostado (Gilmara Ellen da Silva do Rêgo, 12 anos).

Os conceitos de família tornam-se ativos à compreensão dos envolvidos nas oficinas com experiências playback, uma forma de captar e socializar experiências comuns a todos.

#### **Sem Título**

Tudo aconteceu num sábado quando o meu treinador ligou para mim avisando que ia ter jogo e eu aí fiquei nervoso por que eu tinha que ganhar esse jogo para conseguir o primeiro lugar na tabela, o jogo estava marcado para 2 horas da tarde, e eu estava tão nervoso que não consegui nem almoçar. Sai de casa a 1;30, e eu estava num pic para marca meu gol. Chegamos no local meu treinador colocou o time em campo só que no primeiro tempo aconteceu que o time não estava forte. No jogo começamos perdendo de 1 a 0. O árbitro deu parada técnica por que o sol estava muito quente, o treinador teve uma conversa conosco para mudar o jogo. O arbitro apita e começa o segundo tempo quando de repente Sheldon faz o primeiro gol e o placar estava 1 a 1. Nós estávamos muito nervosos (Gustavo Igor, 14 anos).

Crescer juntos, compartilhar experiências desde a infância na creche ao ensino fundamental inicial, do fundamental do 6º ao 9º ano, à escolinha de futebol, alimentando os sonhos da perspectiva implantada a respeito do esporte de massa nacional.

#### **O meu nome**

Tudo começou a 12 anos atrás quando a minha mãe descobriu que estava grávida, ela descobriu que era uma menina decidiu colocar o nome dessa menina de: Marjorie, por que? Por causa de uma amiga de infância elas eram muito, muito amigas e o nome dela era Marjorie, mas... A mãe da minha mãe no caso minha vó, não queria porque não sabia pronunciar e ela escolheu Jamily por causa da cantora gospel e assim ficou Marjorie Jamily e 12 anos depois aqui estou em contando esta história. Minha mãe? Está comigo hoje. Minha vó? Nos deixou a três anos (Marjorie Jamily, 12 anos).

Acender a autoestima com riquezas de detalhes, enaltecendo a importância de seu nascimento no seio da família.

#### **Sem título**

Um dia estava brincando, eu e minha prima e o amigo dela Geiyanny e Bruno, brincávamos de troca-troca aí ele falou: - Vamos brincar de bicicleta? E eu e minha prima falamos, é bora. Aí ele falou eu vou primeiro então eu falei, então vai. Ele foi inventar de se amostrar e cai tinha quebrado a mola ele foi pular por cima cai e quebrou os dois dentes da frente aí ele se levantou correu para dentro de casa aí o pai dele saiu pegou a bicicleta do

meio da rua e eles foram para o hospital e agora os dentes dele está normal (Maria Eduarda da Silva, 13 anos).

Ao participar das travessuras, a educanda, mais uma vez, demonstra maior interação às experiências nas oficinas do Teatro Playback, aliás, participou ativamente em várias das etapas do trabalho.

#### **A morte do meu primo**

A vários dias meu primo estava internado, estava muito mal, bom ele voltou para casa, mas voltou com vários aparelhos, sondas e etc. mais depois voltou para o hospital, não demorou muito e ele não aguentou e morreu. Mano o velório foi o pior a mãe dele desmaiava muito, quando foi para o cemitério foi todo mundo muito triste ninguém falava nada era aquele silêncio, eu estava preocupada por que o pai dele (meu tio) não estava com condições de dirigir eu estava no mesmo carro que ele. Na hora que o caixão ia descendo pro tumulo a mãe dele se jogou pra não deixar descer. Já hoje em dia quando a mãe dele ver fotos dele ela começa a chorar, quer dizer toda a família (Thainá Vitória, 13 anos).

A experiência desenvolvida nessa pesquisa proporcionou, pelos depoimentos e observações participantes, o compartilhar das emoções nas oficinas de Teatro Playback, ocasionou diferentes emoções. Os educandos ficaram mais leves de amarras que bloqueavam seus sentimentos, demonstrando emoções com clareza, no olhar, nos gestos e falas.

#### **Sem Título**

Vou contar que eu quebrei meu braço, eu estava jogando bola, pisei em cima da bola cai por cima do braço, fui para o hospital, engessei o braço por dois meses, quebrei mais duas vezes o braço jogando bola (Shelton Jonas Gomes, 15 anos).

O educando é uma pessoa introspectiva, não participando das experiências playback, no entanto, desabrochou em outras demandas da disciplina, inclusive com parcerias na execução de ações do fazer prático, aproximou-se mais da professora pesquisadora e participou de oficinas na construção de demandas entre a disciplina de arte e a disciplina de ciências.

Segundo Gadotti (2011, p. 43), “ao conhecer, o sujeito do conhecimento reconstrói o que conhece”. Os encontros mediados por meio das oficinas do TP, através da história oral e da memória, suscitaram o desabrochar de fatos vivenciados pelos educandos na época dos experimentos, envolvendo-os, mesmo aqueles que se mantiveram presentes como

espectadores em momentos que o grupo focal e a professora pesquisadora se deixavam envolver pelos comentários do fazer artístico.

#### **4.4 O Teatro Playback aguçou o desejo por memórias da família**

O momento playback (contar histórias) provocou o avivamento na família. Lembramos que a primeira vez que procuramos desenvolver a prática de ir buscar das mães e/ou avós, histórias de família, na ocasião, a experiência ocorreu de forma tímida e preocupante, a partir de expressões que demonstravam distanciamento entre gerações no desconhecimento de suas memórias. Deslocamos nossa atenção à escuta de um educando do 7º ano, quando afirmou não poder realizar a atividade por desconhecer o pai, que a sua mãe omitia a consolidação de seu anseio.

Após alguns anos junto a outro grupo de educandos aplicando o TP, o que até então não havia obtido êxito, concretizamos o objetivo almejado depois de anos de buscas por fundamentos e práticas que viessem beneficiar a proposta pretendida, e sua obtenção ocorreu a partir das demandas playback com o grupo focal de educandos do oitavo ano do ensino fundamental. Oficinas com temáticas diversas, textos e discussões acadêmicas entre as diversas disciplinas do curso de mestrado e experimentos nos auxiliaram com novas dinâmicas, avaliações e técnicas. Todas essas etapas vieram, a contribuir com o coroamento da realização dessa pesquisa.

Os educandos mantiveram-se motivados apresentando registros de inestimável importância ao propósito da pesquisa e para seu engrandecimento pessoal, resultados diversificados podem ser identificados; mães garantiram aos filhos tempo para escuta.

Vejamos mais histórias contadas por eles/as:

##### **Minha infância**

Na infância da minha mãe ela não brincava muito ela cuidava de seus dois irmãos: Antônio e Josinaldo. Ela fazia os deveres de uma dona de casa com apenas 8 anos e assim até se tornar adolescente. Mas as brincadeiras que ela costumava brincar era escondida de sua mãe e sua vó: era peteca, bola, bolinha de gude, pega-pega, esconde-esconde, nadar e etc. (Josiana Constantino, 28 anos, mãe de Joelma Constantino, 13 anos).

O playback suscitou lembranças de épocas remotas na relação de família, alimentando o imaginário nas diferentes possibilidades vivenciadas no passado,

provavelmente, proporcionando compreensão a uma nova visão dos diferentes estágios vividos.

#### **Como era antigamente**

Quando minha mãe chegou aqui para morar na Ramadinha, era só mato, não tinha casas, era tudo descampado. Com um tempo foram feitas invasões e começaram a ser feitas vilas. Como ela não tinha condições ela brincava com tijolos, as bonecas eram feitas de sabugo de milho, as comidinhas eram folhas e terra. Ela gostava de brincar com petecas, corda, esconde-esconde e futebol (Michele, 36 anos, mãe de Ketillen Mirelly-13 anos).

A história do bairro se confunde com as histórias das muitas famílias que compõem a família CEAI; a improvisação está presente e registrada, são gerações que começam a reconhecer fatos vividos desprovidos de qualquer ostentação. Na ocasião atual, a escola continua sendo o cenário que reporta o caminho percorrido com resultados que celebram acréscimo.

#### **Sem Título**

No tempo que eu tinha uns 13 1 15 eu já trabalhava num roçado com meu pai. Num sábado de madrugada meu pai acordou de 2 h da manhã para ir para o roçado mais antes dele ir para o roçado ele foi para o pé de goiaba para pegar as goiabas para fazer suco, antes dele chegar ele viu uma menina magra com o cabelão e estava com um vestido branco procurando o fumo para cachimbo. Nessa hora ele bateu numa lata que estava perto e então ela correu atrás dele. Ele gritou – “pai, mãe me ajuda” quando ele olhou para trás não tinha mais ninguém. Então nessa hora apareceu seu pai e sua mãe e perguntou o que foi menino, e ele contou a história, e seus pais falam deixa de mentira menino tais vendo coisa é? (Klayn Nakayama Jordão Rodrigues, 32 anos, Mãe de Shayury Emily 14-anos).

Não seria a primeira vez que recebo relatos de educandos, mães, e/ou avós sobre um personagem mitológico do imaginário do interior da Paraíba, a comadre fulozinha aparece com ênfase. O comportamento desse mito está sempre envolvido de peraltices narradas com emoção, com um ar de suspense narrador entre sorrisos e expressões de credibilidade dessa garota muito presente nas mentes de todas as idades.

#### **Sem Título**

Quando criança minha mãe gostava de pegar goiaba da casa da vizinha por cima do muro, até um dia em que ao puxar o galho do pé de goiaba se machucou furando o braço no grampo do muro. Brincadeiras que gostava: pula corda, pular amarelinha, dançar, estrelinha nova, cela, passa o anel, pé de quengas, risca a faca (Griscilde de Maria, 36 anos, mãe de Victor Vlademir- 14 anos).

#### **4.5 – História e memória de mãos dadas: a apresentação do teatro playback para mulheres de terceira e quarta gerações de educandos**

História e Memória caminham juntas e estimulam expressões do Playback mostrando a possibilidade de trazer ao presente, fatos que poderiam permanecer sepultados. Considero desastroso ter algo para contar e não ter a quem fazê-lo.

Idosos são detentores de lembranças, bens imateriais preciosos memoráveis, todos possuem uma caixinha de recordações e histórias a contar, como aponta Cananéa (2016, p. 106), ao dizer que “ pensar permite aos seres humanos refletir o mundo e com isso lidar com esse mundo e com os seus seres de uma forma efetiva e de acordo com suas metas, planos, lembranças e desejos”.Ao sermos estimulados a abrir nossa caixinha de lembranças fazemos emergir memórias que as vezes insistem em querer ficar retidas

De geração a geração, a humanidade caminha escrevendo infindáveis histórias, muitas vezes incubadas, a espera de expressões que as reconheçam e a oralidade é um dos caminhos para essa descoberta. Como uma dupla dinâmica, história oral e memória juntas poderão alcançar interpretações inusitadas.

Nessa fase, histórias contadas por avós e bisavós, faremos uma homenagem a um educando, cuja família passou a residir em outro estado da federação, razão que nos impediu de registrarmos seu nome nessa experiência.

##### **A vinda ao Brasil**

Essa história vai começar em uma cozinha em 1948. Pedro Scavacine e sua esposa em Veneza-Itália decidiram que o melhor para eles era vir para o Brasil. Principalmente por conta da 2ª guerra mundial. No navio sua esposa grávida rompeu a bolsa e nasceu João Paulo, um dos seus filhos, e ao chegar ao Brasil, Pedro arrumou um emprego trabalhando pesado (o nome do educando será omitido pelo fato de o mesmo ter se transferido da escola e não termos o termo de consentimento dele/responsável).

O tempo constrói caminhos que atravessam séculos, oceanos e gerações. Entre tantos personagens aqueles que atentam para a importância do espaço doméstico onde, entre o espaguete e um café, ao redor da mesa, gerações convivem ouvindo fatos guardados com zelo.

De repente, o playback presenteia um descendente de italianos, que em dias de deixar o convívio escolar, nos presenteia primeiro com a importância dada ao ato de contar história de família, depois em apresentar em sala de aula, o que dá importância as suas origens.

### **Minha História**

Minha vó assistia muitas as radionovelas com minha mãe, tinham histórias assustadoras, histórias tristes e histórias alegres. Quando eu nasci eu escutava as radionovelas, mas minha mãe não lembra mais de radionovela (Victor Vlademir, 12 anos).

Lembranças construídas a partir do ato de observar, ter a sensibilidade de perceber o lúdico desprezioso, embalado por tantos encontros acalentados por momentos lúdicos em sala, em momentos de construção playback, fato e foto tomam lugar como se quisessem voltar a vida.

### **História de minha avó**

Minha avó disse que um dia estava em um pé de mangas quando escutou uns tiros de bacamarte, quando ouviram um grande grito que veio de uma criança, quando ela foi ver era um menino que estava tentando atirar em uma garrafa mais seu irmão estava pegando os balaços aí seu irmão mais velho apertou o gatilho do bacamarte e matou seu irmão (João Victor Hipólito, 12 anos).

Objetos do cotidiano de épocas remotas aos narradores consolidam circunstâncias sombrias e marcam fatalidades, em cenários infantis com riqueza de detalhes.

### **Minha avó enterra**

A história que eu vou contar é assim, minha vó morava vizinha de um homem, esse homem era muito bom de saúde, brincava, sorria mais até que com passar do tempo esse homem pegou uma doença e vivia passando mal e desmaiava. A ambulância só vivia na casa dele porque quase todo dia ele passava mal e minha vó sempre foi brincalhona. Minha vó tinha um costume de quando uma pessoa está adoente ou está no hospital internada ela já diz vai morrer kkk. Daí meus familiares gostavam muito desse homem que tinha o apelido de Zezito mais ninguém morava perto dele. Ai minha mãe ligou para minha vó para saber notícias dele, daí minha vó disse ele morreu, daí minha mãe começou a chorar, ai minha mãe ligou para a minha tia pra saber se era verdade, ela disse não morreu não, ele só está internado kkk. Daí minha mãe falou para minha tia que foi minha vó que disse que ele havia morrido daí toda vez que a família se reúne começa a brincadeira com minha vó dizendo que ela enterra as pessoas vivas kkk essa é a única animação da família daí toda vez que alguém tá doente minha mãe tem medo de perguntar a ela (Maria Juliana de O. Laureano, idade 13 anos).

O momento playback estimula o lado artístico cômico desprezioso da imagem de família, o seu desenrolar entre diferentes gerações compactuadas como em uma cena, em sua construção passo a passo.

Algumas dessas histórias conduzidas à sala de aula revestiram momentos especiais ao condutor, coroando o planejado, apresentando histórias que deveriam ser narradas. Em

outros momentos, genitoras fizeram-se presentes nas oficinas, como registrado no percurso da experiência.



**Figura 10:** Mãe na companhia dos filhos, após sua participação na oficina como narradora.

**Fonte:** Acervo da autora, 2019.

**Sem título**

Morava num sítio e perto morava um velho. Mais ou menos um mês depois dormindo algo caiu na minha cama, minha prima estava do meu lado eu belisquei ela e ela não acordou, eu belisquei com tanta força e eu morrendo de medo, aí eu pensei, eu vou tomar coragem, quando eu tomei coragem e tirei o lençol, quando olho erra uma caveira, ai eu acordei a casa toda, gritei apavorada. Esta é a minha história. (Luana Vieira da Silva Luze 31 anos, mãe de Gabriel Vieira - 11 anos)

A timidez da jovem mãe torna-se um momento de pleno prazer e delírio de todos, encenada pelo grupo focal sob o olhar atento da narradora e do orgulhoso do filho, que como a genitora, manteve-se atento, resguardado da timidez peculiar em ambiente público.

**Sem título**

Tive um casamento aperreado me casei com 18 anos, até hoje não sei ler nem escrever porque tive que trabalhar para sustentar minhas filhas, então depois meu marido viajou para a Bahia e arrumou outra mulher, aí então ele só volta para ver as filhas, os netos e os sobrinhos, até hoje nós dois somos divorciados.(Maria de Fátima-63 anos, avó do educando Victor Vlademir – 14 anos).

Os procedimentos playback junto as diferentes gerações nas famílias dos educandos envolvidos na experiência provocaram um saudosismo melancólico, por estimular a volta de um passado de luta pela vida familiar, por sua sobrevivência e a constatação de sonhos não realizados. Certamente, o universo da escola constrói sonhos para as novas gerações, dentro da concepção dos relatos.

### **O ganso e a menina**

Um dia ela morava no Monte Santo ela sai de casa e foi na padaria passou por uma casa de criação de gansos a era uma ladeira, o portão da casa estava aberto e ela passou a mão no muro e no portão, e na hora o ganso saiu correndo atrás dela e ela saiu descendo a ladeira correndo. o ganso só pegou ela porque ela se escondeu e nessa rua não passava carro mas passava gente e ela saiu correndo e gritando socorro, depois que ela se escondeu o ganso voltou para casa e ela foi para a padaria e as pessoas perguntaram o que aconteceu e ela disse que um ganso correu atrás dela, ela comprou o pão e depois foi para casa e disse a mãe dela (Camila Vitória dos Santos 58 anos).

Na linguagem simples e imatura, relatam uma perspectiva favorável a uma escrita rica em minúcias, circunstâncias favorecidas a um futuro bom narrador que as oficinas de playback estimularam.

### **Sem título**

Quando minha vó era pequena e morava no sítio ela foi para uma parte do sítio onde só tinha plantas com as irmãs dela, no caminho de volta tinha um pau com a ponta afiada e ela não viu aí ela bateu a cabeça e formou um buraco e até hoje ela tem esse buraco (Maria do Carmo Nascimento da Silva, 62 anos, avó de Débora Talita – 14 anos).

O lúdico permeia a mente humana de forma crescente e cumulativa desde a mais tenra idade, funcionando como linhas tênues de lembranças responsáveis por estreitar relações entre gerações.

### **Sem título**

Numa quarta-feira pela madrugada eu acordei para ir fazer as minhas coisas, minha mãe acordou, meu pai acordou, fomos tomar café, aí depois meu pai foi pescar e minha mãe foi cozinhar. Filhaaa! Oi mãe? Vai colocar fumo na cumbuca. Mas está aonde? Está lá perto da macieira, vá logo. Quando eu cheguei lá eu vi uma menina mais nem prestei atenção, fui bem devagar e ela não se mexia, depois que eu coloquei o fumo ela começou a correr atrás de mim e eu gritando MÃEEEEEEEE! Painhoooooo! Quando eles chegaram que olharam não tinha ninguém eu fiquei com medo. Eles disseram: Está ficando doida menina! Depois desse dia mais nunca quis colocar fumo da cumbuca (Antônio Ferreira da Silva, 81 anos, bisavô de Islânia Ferreira- 14 anos).

Desde a década de 2010, como professora de artes, venho trabalhando com as narrativas de educandos sobre personagens da mitologia paraibana. Considero a riqueza de relatos e lembranças ostentadas entre gerações, descritas sempre de forma expressiva, como importante elemento cultural a ser trabalho, por meio do TP, em sala de aula.

Peço permissão ao leitor para evocar a letra de uma música do compositor Cartola (1964), quando diz: “As rosas não falam, simplesmente as rosas exalam o perfume que roubam de ti”.

Pura poesia a letra de um samba aos afeiçoados amantes da boa música. Cartola nos presenteia com um atode amor a natureza ao levar mudas de rosas a sua amada companheira. As mudas plantadas ao jardim de sua casa foram regadas, dia após dia, até que em uma manhã ao abrir a porta, dona Zica, sua esposa, se depara com o grande número de pequenos botões de rosas, chama o amado exclamando: “Olha Cartola, vem aqui ver o jardim. Por que nasceu tantas rosas? E ele responde: Não sei, as rosas não falam”.

É com esse lirismo que trago a esta pesquisa a fala de Gadotti (2003), sua contribuição flui como as rosas do Cartola, embeleza e emoldura seu amor pela companheira. Gadotti (2003, p. 23) destaca os “educadores que não perdem a capacidade de sonhar.” Assim compreendo o que ser educador.

Trazer a realidade das novas gerações com os fatos vividos, estimulá-los e ressignificar o seu tempo e suas memórias, se faz importante nesse trabalho, que utiliza o teatro playback como mediador da ação educativa no ensino de artes. As ações didáticas pedagógicas podem assumir o compromisso na cooperação da linha de atuação do professor, em buscar despertar nos educandos a importância atribuída às suas ancestralidades, juntos, formar uma força maior, trazida pela história oral, produzida em diferentes gerações, e de sua contribuição de poder interferir na construção dos novos sujeitos, a partir da compreensão de sua história de vida e da sua família.



**Figura 11:** Oficinas de playback realizadas por grupo de educandos.  
**Fonte:** Acervo da autora, 2019.

### Transcrição de algumas observações dos educandos, após experiência com o playback.

Alison Taislan Nunes Cavalcanti, 16 anos.  
- Foi bom gostei, aprendi um moço de negócio.

Camila Vitória dos Santos, 13 anos.  
- Só trouxe a história de minha vó.

O TP aproximou quem andava distante, motivada por demandas pedagógicas a cumprir. O professor exerce uma carga de horas de classe em classe, a cada quarenta e cinco minutos, como um beija flor que voa de flor em flor.

O professor, normalmente, mantém-se distante dos educandos, seus objetivos, sonhos e/ou problemas passam longe de seus olhos.

O TP chegou e nos colocou no mesmo nível de vivência, passamos a sentar do mesmo lado da sala. Ouvir e compartilhar experiências vividas com os educandos me fizeram perceber que é preciso que haja diálogo entre esses pares, interesse real, dialogar muito e ouvir, certamente, eles não dialogam nem participam com alguém da família.

Reverbel (1979, p. 22) afirma que “aplicando as atividades de expressão, obtivemos bons resultados e, sobretudo, sentimos grande prazer em acompanhar nossos alunos nas descobertas de si, do outro e do mundo que os rodeia”. O TP nos aproximou, como um estimulante, os educandos e eu permutamos momentos de sentimentos sem amarras, de pertencimento com histórias e fatos, na sua maioria reais, alegres ou tristes, mais expressos em uma linguagem aberta e democrática.

Ali estivemos envolvidos em nossos próprios problemas ou circunstâncias do cotidiano real, envolvendo diferentes gerações, pensando em diferentes épocas e lugares. A ocasião despontou como oportunidade para novas formas de ver e sentir a partir da observação participante, imaginação, percepção do relacionamento com o outro, do observar a



**Figura 12:** Oficinas de playback realizadas por grupo de educandos, tendo como platéia educandos e mães.. **Fonte:** Acervo da autora; 2019.

espontaneidade que cada um possui em diferente intensidade, mediante o ser que cada um ostenta.

Consideramos que ali não estava presente o professor nem o educando, mas sujeitos sociais, ambos se colocaram livres e libertos para uma ocasião em que se construíram juntos e isso fortaleceu todos.

### Ainda ouvindo os nossos educandos do grupo focal

Victor Vlademir, 13 anos.

- Gostei do trabalho, descobri coisas que não sabia sobre minha família.

Maria Luiza da Silva Almeida, 14 anos.

- Foi uma experiência legal, divertida. Bom para aprender várias técnicas de teatro, relembrar o passado, compartilhar com as pessoas, cada uma com uma história diferente, com características diferentes.



**Figura 13:** A - Visão externa da Escola CEAI Dr.Elpidio de Almeida; B – Sala de aula onde fizemos as experiências playback; C - Gestor exaltando o teatro playback como ferramenta na educação; D –Única ocasião com participante músico em uma oficina do teatro playback; E – Público da comunidade escolar; F – Professora pesquisadora com educandos do grupo focal após apresentação à comunidade escolar. **Fonte:**Acervo da autora, 2019.

O prazer e espontaneidade das genitoras, despidas de formalismos, foram autênticas em suas narrativas, pés fora do calçado, mãos postas sobre as pernas, mão sobre o peito, falaram da importância dada ao momento, proporcionaram o crescimento expressivo nas educandas, como que por osmose assumiram posturas responsáveis, ali não estavam atrizes com no *hall* do palco. Analiso que essas imagens foram construídas a partir do relacionamento social, a ocasião como responsável por situações que assumiriam uma nova linguagem, como promotora de novos anseios e desejos que possam vir a se realizar.

Estávamos diante de uma experiência construída coletivamente. Telles (2012, p. 31) aponta que “o trabalho compartilhado trás para a pesquisa tanto a ampliação das possibilidades de questionamento do objetivo abordado quanto a intensificação do processo de aprendizagem daqueles envolvidos no projeto investigativo”. Ao ver e ouvir o outro, o adulto que, costumeiramente, não dedica tempo ao diálogo com o educando filho, neto ou bisneto, suscita numa simbiose, importante na reciprocidade das relações.

As diversas falas encenadas puderam garantir uma nova via ao diálogo entre gerações. Experimentar o TP entre educandos(as) de diferentes famílias e diferentes gerações podem ter proporcionado uma nova conexão de gerações a partir dessas práticas. Essas práticas também tiveram impacto junto aos professores, gestores, especialistas em educação e demais profissionais da escola. Todos foram envolvidos e se envolveram.

A seguir, apresento falas dos colegas docentes da escola campo da pesquisa:

**Depoimentos dos educadores da Escola Municipal CEAI Dr. Elpídio de Almeida.**

**Fonte:** Acervo da autora, 2020.

**Adriana Cristina Gomes Moreira.** Professora de Educação Infantil; Especialista em Psicopedagogia:

O citado trabalho desenvolvido na escola, despertou meu interesse por conseguir envolver além dos alunos, também os pais. Na dinâmica desenvolvida, ambas as partes vivenciaram os momentos com muita emoção e também dedicação, um dos momentos que me chamou atenção, foi quando, uma das mães que falava da sua história se referiu a filha que era aluna da turma.

**Alúzio Marques da Silva.** Graduado em Pedagogia; Especialista em Meio Ambiente e Desenvolvimento; Gestor Escolar da EMEF Dr. Elpideo de Almeida:

Como gestor da Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr, Elpideo de Almeida, localizado a Rua Joaquim Amorim Junior – S/Nº - Ramadinha II, Campina Grande – PB, observei que no campo das artes a professora Márcia Maria Barbosa de Menezes implementou o projeto “Teatro Playback”, um teatro de improviso desenvolvido com os alunos do 8º ano,

através das performances de relatos do cotidiano vivenciado entre eles e seus familiares, professores e um cuidador. Foi um trabalho muito proveitoso, percebi o entusiasmo dos alunos em aprender e participar, se interessaram pelo estudo, já que se tratava de uma inovadora e expressiva experiência de vida, os medos, os sonhos dos seres humanos e consequentemente de suas famílias e/ou mesmo, dos próprios alunos. Na oportunidade ficou claro que alguns mostraram identificação com a atividade do teatro playback e com isso desenvolveram habilidades artísticas e cognitivas através da improvisação, a encenação e a representação gestual a partir dos vários papéis das histórias ouvidas. A professora deteve conhecimento e capacidade na condução dos alunos para uma melhor performance. Percebi a importância do projeto, a equipe gestora apoiou seu processo que culminou na realização de uma oficina na Mostra Pedagógica ocorrida no mês de outubro de 2019. Observamos mudança de comportamento sobretudo ao que se refere a melhoria de aprendizagem e a compreensão de que a disciplina de Arte também contribui significativamente para a vida do ser humano.

**Anacleto Lira de Oliveira.** Professor e diretor escolar; Graduado em História:

Foi uma grande honra e prazer, ver o trabalho da professora Márcia Menezes de Artes, em que membros da comunidade escolar CEAI Dr. Elpidio de Almeida, juntamente com os alunos, contaram histórias de brincadeiras da época dos respectivos pais. O mais cativante com certeza foi ver a integração que houve entre pais e alunos, o que de fato aproximou as famílias, sem contar que os objetos que foram utilizados, eram feitos com materiais recicláveis, trazendo uma preocupação com o meio ambiente, fazendo uma ponte significativa com a preocupação em diminuir os rejeitos e o seu acúmulo na natureza. CONEXÃO HISTÓRICA. Outra grande contribuição do trabalho em questão, com certeza foi o aspecto histórico, trazendo as fontes orais, tão preciosas por seus testemunhos, trazendo brincadeiras que foram esquecidas, e que moldaram toda uma geração. Essa conexão histórica conectou duas gerações, através da práxis, interligando memórias e a identidade, com uma construção oral e de caráter interdisciplinar, pois através de uma preparação com entrevistas, com fontes orais, e uma preocupação histórica de contato humano. O trabalho contou com uma participação ativa por parte dos alunos e da família, a professora Márcia Menezes realizou um excelente trabalho, com uma metodologia e pesquisa voltada para a prática, focando em uma memória infanto-juvenil de brincadeiras, valorizando a tradição oral e aproximando pais e alunos, resgatando uma riqueza cultural e histórica. Foi muito interessante ver os alunos se tornarem mais do que espectadores, eles foram atores atuantes do projeto, se apropriaram de suas respectivas funções, e contribuíram para o sucesso da apresentação.

**Fabiana de Almeida Araújo.** Professora da EJA; Técnica pedagógica da Seduc:

Em meio a muitas vivências de uma Escola Pública Municipal de uma comunidade com histórico de muitos desafios sociais a serem enfrentados pela população, mas sobretudo marcada pela ressignificação das adversidades, uma oficina de Arte assume um destaque na Mostra Pedagógica, na ação pedagógica da professora Márcia Menezes com os estudante do oitavo ano do ensino fundamental. A mestra contemplou surpreendentemente o público na Mostra Pedagógica com a experiência construída com o teatro playback, com as histórias de vida dos estudantes,

mães e avós. Ao entrar na sala um convite a expressão livre de nossas lembranças, sejam elas leves, tristes, saudosas ou não, na verdade a turma nos convida para uma vivência libertadora, dialógica, que traz na Arte, na Psicologia, por meio da Educação, um convite, uma oportunidade interativa a ser, ao mesmo tempo, ator e público, na qual, através da Expressão do Corpo, da Fala, interagindo com memória, nos sentimos hora alunos, hora educadores, hora público (des)comprometido com o formal, hora criança, hora gente ou hora (des)humano... A oficina de Teatro Playback na verdade pode ser vista como início - fim - meio - culminância - afirmação - negação de tudo - apogeu, enfim... O deslocamento intencional em que consiste o trabalho da professora. A arte é apresentada e experimentada pelas turmas por ela conduzidas, como VIDA enquanto vida, que se faz e se refaz a cada instante. Como aquele em que por um instante (mais de uma hora, afinal eu não conseguia sair da sala, estava encantada com tudo aquilo), nos faz perder o chão e viver intensamente tudo o que (NÃO)SOMOS.

**Julia Bento Simplicio.** Professora do Fundamental II; Licenciada em Letras:

O teatro de playback abriu um leque de oportunidades aos alunos e pais, pois eles poderão reativar memórias guardadas que contam a sua história de vida, a forma de expressão e de se relacionar com o outro.

**Roselma Maria do Nascimento Araújo.** Professora de língua portuguesa; Licenciada em Letras; Especialista em Linguística e Literatura:

Na minha opinião o projeto teatro playback realizado pela professora Márcia foi uma experiência inovadora que fez a diferença para toda a comunidade escolar do CEAI Elpidio de Almeida, pois os alunos se identificaram muito com o projeto e realizaram as atividades com muita dedicação e carinho, criando assim um vínculo entre escola e família através do resgate oral das histórias familiares. Foi uma experiência muito produtiva e exitosa para todos.

**Rafael Santos Ribeiro.** Licenciado em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa; Professor Cuidador de Prefeitura Municipal de Campina Grande:

Encontrar com a técnica do Playback Treatre em um dos meus ambientes de trabalho que é na escola Elpideo de Almeida, me fez remeter a outros cenários, especificamente ao meu primeiro contato com essa técnica. E ver essa técnica utilizada por Márcia, que é mais do que uma educadora, é uma arte-educadora, foi ter a certeza que estaria nas mãos certas. Mantemos uma distância formal necessária em relação ao aluno. Porém, ter a oportunidade de narrar um trauma meu de infância e ver nossos alunos improvisarem de acordo com meu relato, um real de minha vida, foi desafiador. E eles encenaram espontaneamente conforme a minha escolha dos atores para diversos papeis. Assistir minha história ser recriada, retomar forma artística, foi uma experiência que transcendeu a alma. Pois, ali não havia julgamento no compartilhamento de nossas histórias pessoais. Nossa identidade é acolhida através de nossas histórias e sentimos um ambiente benéfico de aceitação e generosidade onde o respeito é uma das pedras angulares. Com isso, mantemos a formalidade por intermédio do respeito e desconstruímos a posição do professor como detentor do saber e passam a ser tanto o docente como o discente, mediadores e processo do processo ensino-aprendizagem. E nossa intenção é continuarmos com dois projetos que estamos planejando e um deles é o do Playback Theatre. Em suma, minha

gratidão à Márcia por ter contribuído para minha libertação. Pois a técnica nos liberta de zonas proibidas do nosso próprio subconsciente e inconsciente.

**Sonia Maria Pinto Cavalcante.** Licenciada em Pedagogia; Especialista em Educação para as Relações Étnico-Raciais:

É notório afirmar, que o teatro de playback na disciplina de Arte veio pra somar a qualificação do aprendizado e a aprendizagem do nosso alunado. Pois não podemos deixar falecer nossas estórias no qual eram/são ditas por nossos antepassados como memórias de um passado que foram vivenciados por eles, e que ainda estão gravadas, seguidas de geração a geração.

O amor pela educação, aclamado por Gadott(2011), existe em colônias de ambiente dispersos entre muitas paredes de escolas, embora não apareça tão claramente, está lá sim. Esta experiência fez parte da rotina do CEAI Elpideo de Almeida e motivou uma realidade diferente, confirmando a possibilidade da existência de um ambiente focado no coletivo, transformando o ato educacional em prazeroso. Dessa vez, fui atingida por expressões que emanaram dos companheiros(as) de trabalho, a partir dos diferentes olhares voltados à compreensão da modalidade TP, possibilitando ocasiões que me surpreenderam com mimos e ações solidárias de colegas, junto ao que estava experimentando.

Gadotti (2011, p.39) enfatiza ser necessário “fazer da profissão um projeto de vida”. Isso me levou a perceber que a escola é um ser de corpo e alma, onde seus componentes precisam estar em harmonia. Corpo e vontade de fazer os educadores engajados, solidários, éticos e amorosos para com os educandos, ávidos por experiências agradáveis, estimulantes e desafiadoras, uma convivência amorosa. O Teatro Playback me proporcionou essa reciprocidade natural, receber o melhor, como a participação de cada um dos colegas, ao seu tempo nos prestigiaram participando, confeccionando, adquirindo, estendendo o olhar para o playback, como para as demandas que essa ferramenta do teatro pode agregar na educação na comunidade escolar.

O grupo musical Skank (1996), na música “Tão seu”, me remete a diversos momentos vivenciados no ambiente escolar, colegas dedicaram falas de incentivo e compartilhamento de ações do teatro playback. Nas coxias (como são chamados os bastidores do teatro) da sala alguns desses sugestões certamente fortalecerão futuras ações playback. “Me sinto tão seu” diz a letra da música, a forma de agir dos que fazem a escola da “Ramada”, uma equipe que abraça uma nova experiência, algo tão difícil na escola da atualidade, onde as vezes reina a individualidade da docência. Solidariedade é temática presente no ambiente onde realizamos a experiência do playback.

O dormir e acordar na madrugada, motivada por novas ideias , é apenas uma fagulha ao estímulo de quando somos conectados ao querer fazer, produzimos enlaces de planejamentos que fluem de igual maneira, os *insight* provocam devaneios na perspectiva de realizações voltadas para o ato educacional coletivo da comunidade escolar do CEAI Elpideo de Almeida.

Uma premissa do ser humano é viver com harmonia entre os diferentes. Alcançar esse estágio com respeito é sinal de maturidade, princípio que cativa e fortalece a convivência, somos muitos corações, mentes e mãos, com um objetivo a alcançar, formar os pequenos cidadãos(as), aos quais mostraremos princípios no bem maior, que é o respeito por si e pelo outro.

## **5 NO ESPETÁCULO DA VIDA, GERAÇÕES DE EDUCANDOS ATORES: considerações não tão finais**

Realço a importância das metodologias do TP na obtenção dos resultados atingidos nesse processo experimental a partir da pesquisa realizada. O como, ao longo do caminho do que foi um sonho meu no início, passou a ter atitudes multiplicadas por cada um dos educandos, mães, avós e/ou bisavós, que contribuíram na ampliação do horizonte, ainda distante quando no início da jornada.

É impossível para mim não mencionar a poética de Cervantes “...sonho que se sonha junto é realidade” (1605), adaptada por Caetano Veloso e Raul Seixas, posteriormente, palavras que foram como âncoras que persegui nesse processo de transformação de um sonho pessoal de pesquisa em algo realizado.

Prosegui perseguindo a possibilidade em tornar realidade o que havia conseguido anteriormente na Escola Municipal Padre Godofredo Joosten, no município de Gado Bravo. Na ocasião, aquela plateia ao ser estimulada respondeu, mesmo acanhada, mas cujas respostas me fizeram acessar novos objetivos. Impossível, esquecer a aflição daquele educando em querer saber da existência do genitor e lhe negaram.

Persegui indagando, questionando como inserir a importância da memória aos conteúdos didáticos, sob uma ótica agradável que viesse estabelecer um *feedback*, que os educandos pudessem reconhecer a importância dos personagens de suas histórias, ter prazer na narração ou em interpretar o que lhes era oferecido.

O TP reagiu as minhas expectativas, construiu um percurso renovando as expectativas iniciais, a cada etapa visualizei educandos predispostos, cada um a seu tempo e habilidade deixar-se influenciar pela modalidade playback aplicada nessa pesquisa.

O Mestrado Profissional em Artes em Rede Nacional-PROFARTES, na sua dinâmica de leituras sinalizava os caminhos a seguir. Comecei a ver viabilidade de um experimento com finalidades promissoras, ver com mais clareza que ações poderiam ser implantadas e obter resultados até então incógnitos, desde a importância em reconhecer e conceituar o princípio da pesquisa à descontração das aulas oficinas e seminários.

Inicialmente, surgiram interrogativas no desenvolvimento administrado, forjaram visibilidades aos novos contextos, conceberam paradoxo entre as vertentes acadêmicas, o teórico e o prático. Delinearam um sentido de real importância àquela modalidade de mestrado, oportunizar e estimular novos experimentos ao professor em sala de aula na educação básica.

O playback mostrou ser o caminho para o que objetivei anos atrás, seu oxigênio são as narrativas, que, por sua vez, foram nutridas pela história oral e a memória dos educandos. Dois elementos instrutores nas relações interpessoais, reagente homogêneo e/ou heterogêneo construindo narrativas.

A favor dessa experiência constatamos que a reação ocorreu de forma positiva, devido o acentuado grau de intervenções entre educandos, mães presentes às oficinas, e da evidência da procura de informações por parte dos educandos, junto a avós e bisavós, sinalizando a importância concebida das narrativas de três gerações. O grande número de histórias aqui registradas e outras tantas que temos em arquivo atestam essa afirmativa.

O crédito entre os educandos participantes estava em apresentar narrativas, as quais brotaram com uma gama de performances na escrita, educandos mesclaram histórias vividas em diferentes tempos, lugares e personagens. Da mesma forma, mães, avós e bisavós, ressaltaram a importância dada aos seus filhos, netos e/ou bisnetos.

Mesmo atuando como narradoras, adentraram na sugestão em dimensão que garantiu o abraço de personagens da história oral, erguidos pelo tempo entre os presentes e ausentes, colaboraram na percepção do educando à importância que cada um passou a atribuir, a partir das cenas nas caras e bocas, a partir do refrão: “Vamos ver!”

Percebi a intervenção de representantes das famílias presentes, como indicativo da participação à educação passada pela escola na disciplina de arte no oitavo ano, enquanto estávamos compartilhando conhecimentos nas oficinas do Teatro Playback.

Percebi a produção crescente do grupo focal, a partir do seu jeito amadorístico e brincante que a natureza do temático playback suscita, nas últimas apresentações observei o silêncio e/ou a euforia diante dos fatos narrados, da força da narrativa e seu vínculo à memória.

Nas apresentações para a comunidade escolar, munidos da interpretação, improviso e criatividade de um grupo que aprendeu a discutir, sugerir, aceitar, socializar e solidarizar sugestões no antes e/ou depois dos aplausos.

Acredito que o potencial do Teatro Playback poderá levar à escola de educação básica (objeto de estudo e desenvolvimento desta pesquisa), por meio do ensino de artes, um referencial de estudos que possa enriquecer valores necessários na formação dos educandos com demanda de maior amplitude junto as diversas disciplinas de caráter filosófico, histórico, e demais áreas do conhecimento. A técnica TP é narrativa, podendo ser articulada a outros elementos e estar agregada a novas experiências educativas.

Entre os educandos, observamos o exercício de conscientização e respeito à história do outro, quando esse outro tratava-se de um adulto, cuja narrativa despertava claro interesse a fatos de gerações anteriores, um exercício da ética, observado diante das dinâmicas decorrentes no processo.

Importante ressaltar, também, o processo migratório na sala de aula, motivado por mudanças de endereço dos educandos, geralmente por oferta de trabalho que acarreta melhor qualidade de vida a família, faz com que alguns abandonem o ambiente escolar onde já estavam familiarizados, razão pela qual precisamos efetuar alterações no decorrer dos experimentos, como arquivar histórias escritas de quatro educandos, quatro mães e três avós paternas.

Sugiro que mais estudos com embasamento de técnicas da modalidade playback, sejam efetuados, pelo fato da modalidade ser capaz de estimular caráter espontâneo, autoestima, diálogo, respeito à história do outro, princípios importantes no processo da aprendizagem, de uma forma geral, para além da escolar.

Observo ainda a necessidade de oficinas de TP para a formação de professores de arte das escolas públicas, esse item, em particular nas escolas do município de Campina Grande; destaco um número de professores com diferentes formações desenvolvendo a função de professores de arte. A referida sugestão poderá diminuir distâncias entre a teoria e a prática.

Gostaria ainda de elencar a importância de livros didáticos preocupados em apresentar diversidades do fazer cênico, como a modalidade playback, como forma de aprimorar referências de vida, dos que fazem uso desse importante elemento da educação valorizando-a e possibilitando um olhar novo as perspectivas futuras. A saber, no último ano (2019), a escola recebeu novos livros didáticos para analisar, foram eles: Apoema, Teláres, Se liga na Arte, Janelas da Arte, Mosaico e Rumos da Arte. Apenas uma dessas obras dedica dois parágrafos a modalidade playback.

Com este estudo e com as demonstrações oportunizadas por meio do TP, acreditamos que estaremos apresentando esses resultados para toda a escola e que daremos continuidade a pesquisa, ampliando a utilização do TP por meio da história oral com educandos e educadores, suas famílias na construção transdisciplinar desse processo, o que possibilitará novas competências educacionais por meio da arte.

Observamos que, diante das circunstâncias criadas pelo distanciamento social, tivemos e podemos vislumbrar novas possibilidades de mais um desdobramento advindo da nossa aproximação a algumas mães, das que não havíamos conseguido as assinaturas do termo de livre esclarecimento. Por meio de celular conversamos com algumas mães sobre

diversos temas e dessa conversas percebemos que algumas, além de serem domésticas, dedicam-se a atividades que lhes promovem lucros, que se organizam de forma que em detrimento das ocupações domésticas, estabelecem um horário para a realização dessas atividades geradoras de lucros. Confesso ter apreciado e ao pensar a respeito, cheguei a sugerir ao gestor escolar que ao fim do período de distanciamento escolar poderemos fazer um levantamento de mães ativas da escola e buscar orientá-las no sentido de fortalecer esse viés empreendedorista, nos reunir e buscar fortalecer essa visão, lançar a proposta de criação de um endereço no *Instagram* a estas valorosas mulheres e proporcionar-lhes um novo olhar, a partir das novas ferramentas da comunicação.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Paulo. **O Teatro ensina a viver.** (2018). Disponível em: [www.espaçofantasticodasartes.com.br/even-item/Tps://novaescola.org.br/playback](http://www.espaçofantasticodasartes.com.br/even-item/Tps://novaescola.org.br/playback). Acesso em: 07 out. 2019.

BANDEIRA, Pedro. **O Fantástico Mistério de Feiurinha.** São Paulo: Editora Moderna, 1986.

BARBOSA, Ana Mae. **Proposta Tringular.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.

BARRETO, Cristiane Santos. **O público como Quinto Criador?** Uma Pedagogia do Olhar por meio de Jogo Poético com os Espectadores. Tese (Doutorado). Bahia: PPGAC-UFBA, 2016.

BNCC. **Base Nacional Comum Curricular.** Arte na BNCC, Estado da Paraíba, 2018.

BOAL, Augusto Pinto. **200 Exercícios e Jogos para o Ator e o não Ator.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

BOAL, Julian. Presenças do teatro de Arena no Teatro do Oprimido. **Revista Terceira Margem.** ISSN (online) -2358-727X. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Literária. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1997. Disponível em: [www. HYPERLINK](http://www.hyperlink) "https://revista" \h [https://revista urfj.br/index.php/tm/article/view/9742/7564](https://revista.urfj.br/index.php/tm/article/view/9742/7564). Acesso em: 25 out. 2019.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

BRASIL. **Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte/Secretária de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1997.**

CANANÉA, Fernando A. Abath L. Cardoso. **Educação Popular e Identidade Cultural.** João Pessoa: Imprell, 2016.

CARREIRA, André. **Metodologia de Pesquisa em Artes Cênicas.** Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006. Disponível em: [http://www,estudopratico.com.br/teatro medieval](http://www.estudopratico.com.br/teatro%20medieval). Acesso em: 16 nov. 2019.

DELGADO, Lucila. História Oral e Narrativa (ABHO) – VI Encontro Nacional de História Oral. **Conferência de Abertura**, 2003, p.9-25.

DEL PRIORE, Mary, **Histórias de crianças do Brasil.** São Paulo: Contexto, 2002.

DESGRANGES, Flávio. **A pedagogia do teatro: provocações e dialogismo,** São Paulo: Mandacaru, 2006.

FARIA, Alessandra Ancona de. **Contar histórias com o jogo teatral.** Dissertação de Mestrado. São Paulo: ECA-USP, 2002.

- FREIRE, Paulo. **A Pedagogia do Oprimido**. 11. ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1987.
- GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: ensinar e aprender com sentido**. 2. ed. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2011. (Educação Cidadã, 20).
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GONSALVES, Elisa Pereira. **Educação e a Curva Pedagógica**. Campinas, SP: Alines, 2014.
- GRUNBERG, Eveline. Manual de Atividades Práticas de **Educação Patrimonial**. Brasília, DF: IPHAN, 2007.
- IPHAN**. As Disposições da Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio, Brasília, DF 2009
- LAKATOS, Eva; MARCONI, Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2003.
- LDBNE** – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF, 1996.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 11º volume. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2000.
- MACHADO, Ana Maria.. **Menina Bonita do Laço de Fita**. São Paulo: Editora Ática, 1986.
- MELO, Vilma de Lourdes Barbosa. **História Local: contribuições para pensar, fazer e ensinar**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.
- MINAYO, Maria Célia de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira. NETO, Otávio GOMES, Romeu. **Pesquisa Social: teoria, metodologia e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- MORIN, Edgar. **Sobre os 7 Saberes**. Vídeo, ETC-Vitória da Conquista, BA. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=stgpxWOoex>. Acesso em: 01 out. 2019.
- RAMALHO, Maria de Lourdes Nunes. **Maria Roupas de Palha e outros textos para crianças**. Campina Grande, PB: Bagagem, 2008.
- REBELA de estudos, Rebela A, **O Teatro do Oprimido e outras Poéticas Políticas**. v7, n.1abri,2017. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/348236980/BOAL- Augusto-teatro-do- Oprimido-e-outras-poéticas>. Acesso em: 11 nov. 2019.
- REVERBEL, Olga. **Teatro na Sala de Aula**. Rio de Janeiro: Olympio, 1979.
- RODRIGUES, Rosane Avani. **O Teatro de Reprise: conceituação e sistematização de uma prática brasileira de socio psicodrama**. Tese (Doutorado).225 fl. São Paulo: ECA-USP, 2013.
- SALAS, Jô. Trad. Ângela Bernardes, Antônio Ferreira. **Playback Theatre: uma nova forma de expressar ação e emoção**. São Paulo: Ágora, 2001.

SANTANA, Ana Lucia. **Educación según Edgar Morin**. InfoEscola, Navegando e Aprendendo, USP, 2004. Disponível em: <https://www.infoescola.com/pedagogia/a-educacao-segundo-EDGAR-MORIN>. Acesso em: 03 nov. 2019.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 21. ed. rev. atual.- São Paulo: Cortez, 2007.

SIEWERT, Steil Clarice. **Nossas Histórias em Cena: Um encontro com o Teatro Playback**. Jundiaí, São Paulo, Paco Editorial, 2014.

SILVIA, Orthof. **Eu Chovo, Tu Choves Ele Chove**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

SILVA, Tadeu da. **A Produção Social da Identidade e da Diferença**. Petrópolis. Vozes 2000.

TELLES, N. **Pesquisa em Artes Cênicas: Textos e Temas**. Rio de Janeiro: E-papers 2012.  
THOMPSON, J. **comunicação e Contexto Social**. Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes 1998

UPIANO, T. Bezerra de. A História, cativa a memória? Para um Mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. São Paulo, nº 34, 1992.

ZAMBONI, Silvio. **Pesquisa em Arte: um paralelo entre arte e ciência**. Campinas: Autores Associados, 2006

SITES:

SITE: <http://www.portalsaofrancisco.com.br/historia-geral/teatro-renascentista-barroco-brasileiro>. Acesso em: 18 nov. 2019.

SITE: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Cartola>. Acesso em: 19 abr. 2020.

SITE: [https://.pensador.com/frase-sonho-que-se-sonha-junto-e-realidade](https://pensador.com/frase-sonho-que-se-sonha-junto-e-realidade). Acesso em: 19 abr. 2020.

## APÊNDICES

QUESTIONÁRIOS UTILIZADOS NO PERÍODO DE LEVANTAMENTO DE DADOS PARA AS OFICINAS DE TEATRO PLAYBACK NA PESQUISA DE MESTRADO DO PROF ARTES/UFPB

### 1º QUESTIONÁRIO

Escola Municipal CEAI Dr. Elpídio de Almeida

Setembro/2019

ATENÇÃO: Explicar ao educando como dirigir-se ao entrevistado,

-Nome do entrevistador

-.....

- Nome do entrevistado

- .....

-Idade..... Grau de parentesco-.....

-Endereço do entrevistado

-Rua - .....nº - .....

Bairro - .....

-Qual o endereço anterior?

- .....

- O entrevistado costuma contar histórias a filhos, netos ou a outros?

.....

-Quais histórias chamam mais atenção? .....

(Solicitar que lhe contem a referida história, caso na ocasião da entrevista não seja possível, negocie uma oportunidade e a transcreva no espaço abaixo)

.....

.....

